

# A ZONA PIONEIRA AO NORTE DO RIO DOCE\*

WALTER ALBERTO EGLER

## INTRODUÇÃO

Tendo as suas cabeceiras no sul do Estado de Minas Gerais, o rio Doce percorre cêrca de dois terços de seu curso em direção nordeste, paralelamente ao litoral, para, súbitamente, após Governador Valadares, inflexionar para sudeste, num apertado cotovêlo. Uma nova mudança de direção, menos repentina, ocorre na entrada para o Estado do Espírito Santo, em Baixo Guandu, a partir de onde êle demanda o litoral seguindo a direção geral do leste. Visto num mapa de grande escala o rio Doce, abstração feita de suas cabeceiras, aparece assim com a forma de um gigantesco ponto de interrogação, deitado entre Minas e Espírito Santo. Êste curioso capricho da natureza, desenhando na paisagem o sinal da dúvida, é bastante simbólico pois durante muito tempo esta região foi quase que indevassada e pouco conhecida, constituindo uma interrogação nos conhecimentos geográficos da época. No “Mapa da Província do Espírito Santo” pelos engenheiros C. CINTRA e RIVIÈRE, de 1878, a região ao norte do rio Doce figura como um grande claro sob o título de “Terras Pouco Conhecidas e Habitadas pelos Indígenas”.

Durante muito tempo o rio Doce desempenhou no Estado do Espírito Santo o papel de limite natural entre a zona povoada e a região desconhecida ao norte do mesmo. O primeiros povoadores, extravasando da zona colonial da serra, desceram pelos afluentes da margem direita já nos primeiros anos de nosso século. Não foi, portanto, o grande rio a via de acesso, pois os povoadores vieram do sul, descendo pelos vales do Santa Maria, Santa Joana e Guandu. O rio Doce foi antes um obstáculo que deteve temporariamente a marcha do povoamento, e que servia ao índio como defesa natural contra a invasão do homem branco.

Chegando pois à margem direita do rio Doce os primeiros colonizadores estacaram não se atrevendo a penetrar na imensidão da mata virgem que se estendia na outra margem. Êste receio, entretanto, foi apenas temporário.

---

\* Duas excursões realizadas em 1949 e 1950 ao Estado do Espírito Santo, sob a orientação técnica do Prof. LEO WAIBEL, são a base do presente trabalho. Ê desnecessário encarecer a importância decisiva da orientação do Prof. WAIBEL que, com a sua argúcia de geógrafo e observador incomparável, sabe, melhor do que ninguém, transmitir àqueles que tiveram a felicidade de com êle privar no gabinete e no campo, êste entusiasmo pelas pesquisas geográficas.

Muitas informações valiosas foram prestadas pelos pastôres protestantes que no desempenho de sua missão caridosa percorrem os mais remotos rincões do interior. Quero deixar meus agradecimentos principalmente aos pastôres: BILLEFELD, de Domingos Martins, WANDKE, de Palmeira, município de Itaguaçu, GROTKE, de Laranja da Terra, município de Afonso Cláudio; ao pastor de Jequitibá, município de Santa Leopoldina, e outros.

Especial tributo de gratidão faz-se merecedor de minha parte o Dr. SAETTEL, com clínica em Santa Teresa e profundo conhecedor dos problemas não só médicos, como econômicos e sociais do Estado.

Maior do que o medo do desconhecido, dos índios, das febres e do isolamento foi a atração das terras devolutas e da mata com a fertilidade ilusória de seu solo. Na verdade, os índios, pela sua falta de organização, nunca ofereceram um grande obstáculo à penetração do povoamento. Seus ataques limitavam-se aos primeiros penetradores e aos pioneiros que se estabeleciam dentro da mata e, freqüentemente eram destruídas roças com sacrifício, algumas vezes, de vidas humanas. Mas de um ataque em maiores proporções e de agrupamentos mais desenvolvidos só se tem notícia nos primeiros anos após a descoberta, como foi o caso do ataque a São Mateus. Sempre que havia a intenção de ocupar uma determinada região e um grupo mais ou menos numeroso de civilizados penetrava no domínio dos índios estes recuavam sem grande resistência. O contacto com o homem civilizado significava além disso o comêço do extermínio das tribos, muito mais pelo contágio de moléstias e pela aquisição de vícios, do que pela perseguição direta do homem branco.

O principal obstáculo na realidade era a falta de contingentes humanos para povoar aquelas imensas áreas. O pequeno Estado do Espírito Santo, embora fôsse um dos primeiros a receber nas suas praias o homem branco, ainda lutava com sérias dificuldades de falta de braços. Três séculos após o início da ocupação do litoral a região serrana ainda permanecia praticamente desabitada e teve-se que recorrer aos imigrantes europeus, que foram trazidos em grandes levas a partir da segunda metade do século XIX. De Cachoeiro de Santa Leopoldina, o principal ponto de irradiação, esta pequena onda de povoadores espraiou-se pela serra acima e, enquanto havia terras devolutas e matas suficientes para derrubar, contentou-se em se infiltrar por todos os recantos do planalto profundamente dissecado. Uma nova expansão, como já ficou dito atrás, extravasou da região serrana, descendo pelos afluentes do rio Doce no primeiro decênio do século XX. Na mesma época (1906-1908) a Estrada de Ferro Vitória-Minas atingia esta região constituindo uma nova via de acesso e valorizando-a muito pelas facilidades de transporte. Mas, apesar de tudo, levando a questão ao campo dos números, verifica-se que reduzido era ainda o manancial humano disponível nesta região. Êste fato já é ressaltado por OTTO MAULL<sup>1</sup> que na sua viagem, realizada em 1923, surpreendeu-se com o chocante contraste entre a paisagem cultural do vale do rio Doce no Espírito Santo e em Minas Gerais. Enquanto no primeiro Estado o rio Doce constituía um limite marcante, separando a região mais ou menos povoada da margem sul da região desabitada ao norte, no segundo o povoamento já tinha avançado ao norte do mesmo, no que foi acompanhado pela estrada de ferro que também cruza o rio. Natividade (atual Aimorés) era o portal de entrada para a região relativamente bem povoada do médio rio Doce, enquanto Baixo Guandu não era mais do que o ponto de acesso para a região do vale do Guandu. Esta indiscutível supremacia MAULL reputa às possibilidades muito maiores que tinha o Estado de Minas Gerais no que diz respeito à disponibilidade de correntes migratórias internas.

<sup>1</sup> *Vom Itatiaia zum Paraguay* — p. 136.

A análise dos dados do recenseamento de 1920 dá uma prova objetiva desta grande diferença de densidade demográfica entre as duas regiões. Enquanto o então município de Linhares, que abrangia toda a região do rio Doce, com uma área total de 9 847 quilômetros quadrados, contava com 22 364 habitantes, os municípios de Aimorés, Conselheiro Pena, Tarumirim e Governador Valadares, cuja área somada perfaz 11 198 quilômetros quadrados, tinham ao todo 84 437 habitantes. Isto significa que para a região considerada no Espírito Santo havia 2,3 habitantes por quilômetro quadrado, ao passo que na região mineira tinha-se 7,8 habitantes por quilômetro quadrado, ou seja, três vezes mais.

### A PAISAGEM FÍSICA

A paisagem física ao norte do rio Doce apresenta particularidades que estabelecem diversas subdivisões naturais, com características próprias, oferecendo cada uma possibilidades diferentes ao povoamento e à ocupação humana. Há regiões, por isso, que foram preferidas, enquanto outras ficaram praticamente abandonadas.

Uma subdivisão nítida e marcante estabelece acima de tudo a diferença de natureza geológica que há entre o leste e o oeste, condicionando duas paisagens bem distintas. A oeste as rochas do complexo cristalino, profundamente modeladas, apresentam uma paisagem movimentada, rica em formas e contrastes. Para leste estende-se a monotonia das vastas chapadas sedimentares, terciárias e quaternárias, semeadas de lagoas e pantanais. Os solos oriundos da decomposição das rochas cristalinas, por sua vez, são relativamente férteis, enquanto os solos arenosos dos tabuleiros pouco se prestam à agricultura rotineira.

A maior parte dos municípios de Linhares, São Mateus e Conceição da Barra é de terrenos sedimentares, caracterizando-se pelas formas topográficas planas.

Ao longo do litoral uma faixa de restingas formou um cordão de barragem que obrigou os pequenos rios a percorrer grandes extensões paralelamente ao mesmo. Ligando lagoas de formas alongadas estes rios formam um caprichoso sistema de vasos comunicantes que dificulta sobremaneira a drenagem. Em consequência, originou-se para o interior uma extensa área de pantanais, semeada de lagoas e praticamente desabitada. Começando ao sul da desembocadura do rio São Mateus, esta faixa alarga-se pelo município de Linhares, abrangendo o baixo curso do rio Doce. Emoldurando a mesma vêm, então, os chapadões terciários que, com exceção dos trechos em que houve uma deposição mais recente de largura considerável, chegam até as proximidades do litoral.

Estes chapadões terciários são levemente inclinados em direção ao litoral e, junto à costa, têm apenas trinta metros de altura, atingindo na sua suave ascensão para o interior altitudes superiores a 100 metros, quando morrem de

encontro às elevações do cristalino. Ao mesmo tempo são levemente inclinados de norte para o sul.

A extrema planura dos tabuleiros em geral foi pouco alterada pela erosão fluvial. O rio São Mateus, que no baixo curso é pobre em afluentes, uma vez entalhado o seu leito, não mais influiu sensivelmente no relêvo. Próximo ao litoral, porém, vai aparecer uma infinidade de pequenos cursos de água, perpendiculares à direção da costa, e cuja ação erosiva separou uma série de pequenos chapadões que em algumas áreas, com a continuação da influência dos fatores de intemperismo, acabaram formando uma região de colinas. Entre estas colinas aparecem lagoas de formas radiadas<sup>2</sup>.

Ao sul do rio São Mateus, na parte leste do município de Linhares, a maioria destes pequenos rios perde-se na imensa região pantanosa, formada de depósitos quaternários.

A oeste de Linhares, que fica exatamente na borda dos tabuleiros, há uma série de lagoas que ficam alinhadas de encontro às reentrâncias da região cristalina montanhosa que se estende para oeste. Estas lagoas, entre as quais está a célebre lagoa de Juparanã, são vales alagados em consequência da obstrução da desembocadura de alguns afluentes do rio Doce pela enorme massa de sedimentos que o mesmo depositou no seu curso inferior<sup>3</sup>.

A região leste do norte do rio Doce caracteriza-se, portanto, pela topografia plana e, nas proximidades do litoral, pela dificuldade de drenagem, expressa pela formação de uma região pantanosa e lacustre.

Bem diferente é a paisagem na região cristalina a oeste. A monotonia das chapadas é substituída pela riqueza de formas do relêvo modelado nas rochas cristalinas. O rio Doce, de Colatina para montante, corre entre colinas e montanhas que conferem às suas margens um aspecto mais variado. Na região de Colatina estas colinas constituem um nível muito regular, de 80 a 100 metros, no qual se entalhou o rio. Este nível estende-se com largura variável ao longo de ambas as margens e, em continuação, vão aparecendo outros níveis mais elevados, conferindo à paisagem o aspecto de uma sucessão de patamares.

Para o sul estes degraus culminam na região montanhosa de Santa Teresa, Itaguaçu, etc., atingindo altitudes de 800 metros e mais em alguns pontos isolados.

Para norte, no trecho correspondente ao município de Colatina, não aparece uma região serrana tão importante e as altitudes são bem mais modestas. As chamadas "serras", que são assinaladas nos mapas, como a serra do Pancas, do Cunha e outras, não passam de alinhamentos de pontões rochosos, ligados entre si, algumas vezes, por lombadas. Este aspecto de pontões rochosos, do qual os Cinco Irmãos, em Água Branca, representam um bom exemplo, é muito peculiar a esta região. São cones rochosos, lisos e pelados e que, pelo fato de

<sup>2</sup> SILVIO FRÓIS ABREU - "Feições Morfológicas e Demográficas do Litoral do Espírito Santo - *Rev. Bras. Geogr.*, Ano V, n.º 2 - 1943.

<sup>3</sup> OTTO MAULL - "Vom Itatiaya zum Paraguay".

se alinharem em agrupamentos, lembram os dedos de uma gigantesca mão. Vistos de longe parecem ligados pela base mas, chegando-se até êles, verifica-se que deixam entre si largos colos que permitem uma livre passagem. Êstes colos em geral, oscilam em 180 a 200 metros de altitude, enquanto os pontões rochosos ainda sobressaem dêste nível cêrca de 150 a 200 metros. (Fig. 1).

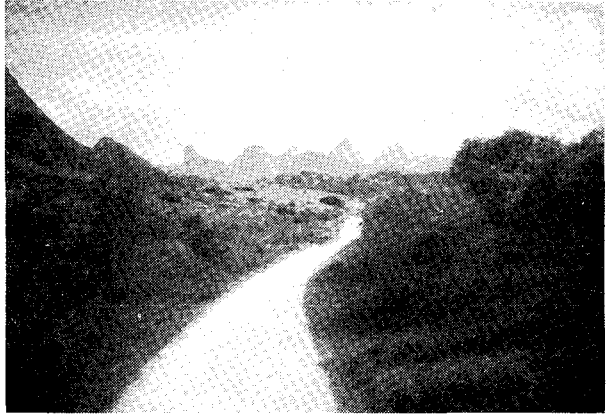


Fig. 1 -- A serra do Pancas no município de Colatina, um exemplo dos pontões rochosos que caracterizam o relêvo da região cristalina ao norte do rio Doce. Êstes pontões são de paredes quase que verticais, lisas, emergindo bruscamente da superfície geral. Vistos de perfil, em virtude de sua forma ponteaguda, assemelham-se aos dentes de um gigantesco serrate. Chegando à base dos mesmos verifica-se que em geral deixam entre si amplos colos, de maneira que não há dificuldade em cruzar a serra. (Foto do autor — 1949)

Observa-se, portanto, que nesta região a imponente cadeia montanhosa

que ocorre ao sul do rio Doce, não se prolonga ao norte do mesmo. Embora o relêvo seja acidentado, colinoso, não há pròpriamente serras e as altitudes permitem que se fale numa região baixa (mas não numa baixada).

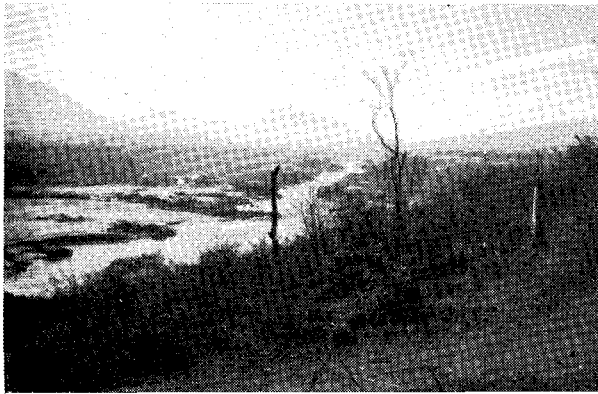


Fig. 2 — O rio Doce em Baixo Guandu, próximo à divisa entre os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo. O rio que está com volume de água reduzido, devido à seca, corre encaixado em um canal escavado na rocha. A fotografia foi tomada em direção à foz. (Foto do autor — 1950)

Mais para oeste, porém, ao longo da divisa com o Estado de Minas Gerais, a região serrana prolonga-se ao norte do rio Doce. Em Baixo Guandu o rio é obrigado a romper esta cadeia e encontra-se aí encaixado num canal aprofundado na rocha. (Fig. 2). O leito é rochoso e formado de uma sucessão de rápidos que interceptam a navegação. Para montante êstes rápidos passam a ocorrer com frequên-

cia. Também neste trecho observa-se uma sucessão de níveis, sendo mais difundido um muito regular que oscila em tórno de 200 metros. Ao norte de Aldeia, porém, depara-se a imponente frente de um bloco falhado com um desnível de nada menos 430 metros. Êste bloco, com uma altitude de 700 metros, foi dissecado pelos formadores do rio São Mateus e constitui a região de Mantena. Ao pé do mesmo reaparecem os pontões rochosos, emergindo de um nível de erosão. (Fig. 3).

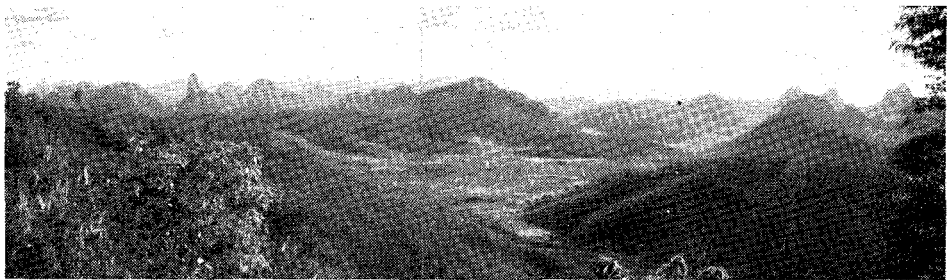


Fig. 3 — Fotografia tomada em direção sul do alto da escarpa do bloco falhado de Mantena. Observa-se um nível de pontões rochosos (350-400 m) testemunhos provavelmente de uma antiga superfície profundamente dissecada. Entre os mesmos penetra uma superfície bastante regular (200 m) correspondendo ao fundo do vale. A direita da fotografia podem ser observados uma série de vales e cristas paralelas. A superfície regular em último plano corresponde às serranias da margem sul do rio Doce. (Foto do autor — 1950)

Resumindo tem-se, então: na região de Mantena um grande bloco falhado, com 700 metros de altitude limitando para sul e para oeste por uma frente abrupta. Para leste esta frente parece não existir e uma série de prolongamentos, mais ou menos contínuos, avança pelo município de Colatina. O espaço entre estas serras ou alinhamentos de pontões rochosos é preenchido por superfícies regulares, mais ou menos intensamente dissecadas num relêvo de colinas. Entalhado no mesmo corre o rio Doce.

Outro aspecto muito importante da paisagem física, e que não deve ser esquecido, é o da vegetação. A região do rio Doce, através das descrições dos viajantes, ficou com a fama de ser uma das mais imponentes regiões florestais do Brasil. A seu respeito HARTT teve as seguintes palavras: “Em parte alguma do Brasil, nem mesmo no Pará, vi uma floresta mais exuberante do que a do rio Doce”. Impressionado por estas descrições o viajante sofre uma decepção ao percorrer atualmente o vale do rio Doce. No vale propriamente pouco resta da primitiva mata, pois em meio século de exploração desenfreada a paisagem sofreu uma mudança radical. A densa muralha de mata ao longo das margens do rio, que tanto impressionou os antigos viajantes, já desapareceu há muito, banida bem mais para o norte pelo fogo e pelo machado. Aqui e ali uma pequena mancha poupada, uma árvore que ficou para trás, serve de testemunho do que foi a primitiva exuberância. (Fig. 4). Para encontrar matas contínuas e extensas é necessário subir até a bacia do alto São Mateus, onde se desenrola atualmente o movimento pioneiro. As próprias serrarias já são obrigadas a procurar a madeira a tal distância. Grandes reservas permanecem, também, no município de Linhares, principalmente

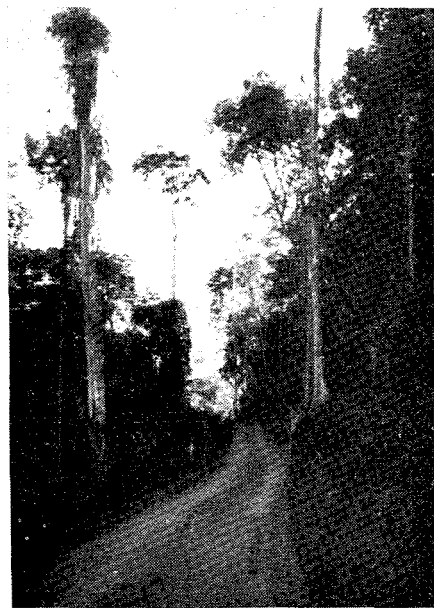


Fig. 4 — Um testemunho da pujança do que era a mata do vale do rio Doce. A derrubada sem controle, seja para a exploração agrícola, seja para a extração de madeira, esta acabando rapidamente com esta riqueza natural. São Bento, município de Colatina. (Foto do autor — 1949)

na sua metade norte, e, no intuito de preservá-las foram criadas duas extensas reservas florestais, uma federal e outra estadual.

Um fato, porém, parece que passou despercebido à maioria dos antigos viajantes: o caráter semidecíduo de uma grande parte da vegetação do rio Doce. No vale do rio Pancas, onde ainda se encontra alguma mata em pé, a mesma apresenta um caráter tipicamente semidecíduo, com 30% e, em alguns casos, até 50% de árvores desfolhadas no auge da estação seca. (Fig. 5). Uma considerável perda de folhas pode ser observada inclusive nas matas marginais do baixo rio Doce, onde este aspecto é conferido pelo grande número de "barrigudas" (*Chorisia crispifolia*) que ocorre. É possível, porém, que a cultura do cacau, que na grande maioria dos casos é realizada pelo sistema da "mata cabrocada"<sup>4</sup> tenha influído sensivelmente no aspecto da mata e, ao abrir a mesma, tenham-se poupado e talvez mesmo multiplicado artificialmente as barrigudas, por fornecerem uma sombra preciosa àquela cultura.



Fig. 5 — Aspecto da mata no vale do rio Pancas. Observe-se a grande quantidade de árvores inteiramente desfolhadas conferindo à vegetação um aspecto de mata semidecídua. (Foto LEO WAIBEL com teleobjetiva)

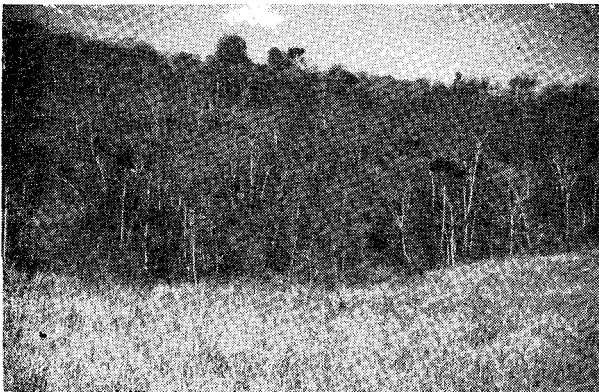


Fig. 6 — Vegetação em tudo semelhante a uma caatinga, em Baixo Guandu no vale do rio Doce. Em primeiro plano aparece um pasto de capim colônio inteiramente seco. Na encosta árvores finas e desfolhadas. A fotografia não permite distinguir cactáceas mas as mesmas ocorrem com relativa abundância. (Foto do autor — 1950)

Mais para leste, porém, nas imediações de Baixo Guandu, encontram-se manchas de uma vegetação que a rigor terá que ser classificada como uma caatinga, pois, durante a estação seca, apresenta-se totalmente desprovida de folhas, ocorrendo inclusive cactáceas. (Fig. 6). É verdade que estas manchas se limitam a trechos onde o solo é muito raso, nas encostas rochosas. De modo geral, porém, toda a vegetação do vale do Guandu

e do trecho do vale do rio Doce compreendido a montante de Colatina e desembocadura daquele afluente, apresenta uma forte tendência à xerofítia, com considerável porcentagem de espécies com perda total de folhas. Este fato

<sup>4</sup> Consiste em limpar a mata por baixo, deixando apenas as árvores mais altas em pé para que forneçam a sombra necessária ao cacau, que é plantado sob as mesmas.

já é ressaltado por OTTO MAULL que chama a atenção de que o vale do rio Doce representa um bolsão de clima mais árido, ainda não devidamente analisado pelos climatologistas.

Já anteriormente, em 1916-17, PHILIP VON LUETZELBURG, fazendo um relato de sua viagem empreendida pela região do norte do rio Doce<sup>5</sup>, escreve o seguinte:

“Causa estranheza o contraste da vegetação na margem sul e norte do rio Doce. A vegetação da margem sul começa numa capoeira higrofila, passa depois a semi-xerófila e transforma-se por completo em vegetação xerófila com aspecto de caatinga, a que o baiano, sem dúvida, daria a denominação de caatinga suja”... “Atravessando, porém, o rio, na margem oposta nos recebem imediatamente as matas virgens. Eis o contraste palpante”.

Atualmente êste contraste súbito não existe mais pois a devastação modificou muito o aspecto da vegetação natural. Observa-se neste trecho do vale médio do rio Doce uma vegetação semidecídua amplamente difundida que reflete as condições climáticas existentes na região. Em alguns trechos, conforme já ficou dito atrás, êste aspecto se acentua e tem-se uma vegetação indiscutivelmente xerófita. Uma simples viagem de reconhecimento, conforme foi o caso, não permite porém observar com maiores minúcias êstes fatos, para os quais seriam necessários estudos mais pormenorizados no local.

O que não resta dúvida é que acima do paralelo de 20° ocorrem, como partes integrantes da chamada “mata costeira” ou “mata atlântica”, extensas e contínuas áreas de matas de caráter indiscutivelmente semidecídua e que não foram ainda devidamente assinaladas, delimitadas e estudadas. A mesma coisa pode ser dita com referência ao clima, pois para muitos constitui surpresa o fato de que na maior parte da bacia do médio rio Doce se verifica a ocorrência de uma estação seca que se prolonga por seis, oito ou mais meses do ano.

## PASSADO HISTÓRICO

### *As primeiras entradas*

Dividido o Brasil em capitânicas, tratou cada donatário de ocupar as terras que lhe cabiam, formando-se ao longo da costa uma série de pequenos núcleos de povoamento. Para o interior estendia-se o sertão, habitado apenas pelos indígenas que ofereciam, em virtude de sua grande superioridade numérica, uma certa resistência à penetração de seus domínios. Apesar de tudo, porém, pouco tempo levou para que se organizassem expedições ao sertão e dois foram os motivos que animaram os aventureiros: a cobiça de riquezas e a caça ao índio para torná-lo escravo.

Foram os próprios índios que chamaram a atenção dos portugueses para as riquezas do interior. Quando a capitania de Pôrto Seguro estava ainda nos seus primeiros dias, chegaram a ela alguns índios, vindos do sertão, trazendo algumas pedras verdes “as quais eram esmeraldas, mas não de muito preço”<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> “Estado do Espírito Santo” em *Estudo Botânico do Nordeste*, vol. 2.º, p. 111.

<sup>6</sup> PÊRO MAGALHÃES GANDAVO — “História da Província de Santa Cruz”, transcrito em J. CAPISTRANO DE ABREU — *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil* p. 181.



Relataram que havia muitas das mesmas numa longínqua serra, resplandescente, que denominavam de "Itaberaba-oçu". Êste foi o início da lenda das esmeraldas que haveria de levar ao sertão tantos aventureiros.

A primeira expedição de que se tem notícia foi a de uma certo MARTIM CARVALHO, que se embrenhou no sertão à procura de esmeraldas. Não logrou encontrá-las, porém, e, depois de tôda sorte de privações a expedição decidiu voltar, descendo pelo rio Cricaré (atual São Mateus). Trazia como único resultado uma bolsa repleta de uns grãos de metal amarelo, recolhidos num riacho, e que se suspeitava serem de ouro. Esta amostra, entretanto, foi perdida num acidente sofrido pela canoa numa cachoeira e, ao voltarem à civilização, puderam apenas relatar a fabulosa descoberta.

A notícia espalhou-se rapidamente e, quando VASCO FERNANDES COUTINHO, donatário da capitania do Espírito Santo, voltou à mesma, depois de ter ido a Portugal em 1540, verificou que muitos dos antigos companheiros não se encontravam mais lá e tinham procurado as margens do Cricaré<sup>7</sup>. É esta, provavelmente, a origem da atual cidade de São Mateus, cuja fundação é dada como sendo de 1554<sup>8</sup>. O nome de São Mateus foi-lhe conferido porque em 22 de setembro de 1583, dia dêste santo, passou pela mesma o padre ANCHIETA, acompanhado de CARDIM e CRISTÓVÃO GOUVEIA.

Tomava vulto, porém, a lenda da serra resplandecente. Desejoso de obter informações exatas a respeito, o governador geral LUÍS BRITO D'ALMEIDA, em 1572, incumbe a SEBASTIÃO FERNANDES TOURINHO de fazer uma nova entrada. A respeito do roteiro da mesma permanecem algumas dúvidas. J. CAPISTRANO DE ABREU acreditava que na realidade tenham sido duas expedições, ao passo que VARNHAGEN reconhece uma única<sup>9</sup>. O que é fato é que TOURINHO foi o primeiro a subir o rio Doce, devassando além disso alguns de seus afluentes. Trouxe, também, algumas turmalinas que foram consideradas como esmeraldas.

Ainda a mando do mesmo governador parte um ano mais tarde a expedição de ANTÔNIO DIAS ADÔRNO, que subiu o Caravelas, trazendo na volta uma grande leva de índios (7 000 ao todo!).

Antes de findar o século XVI ainda se registraram as epopéias de DIOGO MARTINS CÃO — o "Mata-Negros" e de DIOGO GONÇALVES LAÇO, que retornaram na miséria.

A dura realidade dêstes insucessos e o fato das pedras encontradas serem sempre de qualidade inferior não fêz esmaecer a lenda da serra das Esmeraldas. Muito ao contrário, pois sua fama chega a São Paulo e nos primeiros anos do século XVII os bandeirantes vêm da longínqua Paulicéia a sua procura. Perseguindo esta ilusão penetraram até as cabeceiras do rio São Francisco e do rio Doce, descobrindo finalmente as Minas Gerais.

<sup>7</sup> MÁRIO ARISTIDES FREIRE — "A Capitania do Espírito Santo" — Vitória 1945.

<sup>8</sup> F. EUGÊNIO DE ASSIS — *Dicionário Geográfico e Histórico do Estado do Espírito Santo*.

<sup>9</sup> Segundo CALÓGERAS (*As Minas do Brasil e sua Legislação*) o roteiro da viagem de TOURINHO foi o seguinte: "Os companheiros de TOURINHO entraram pelo rio São Mateus, seguiram um afluente meridional dêste, donde foram por terra ao desaguadouro *oriental* da lagoa Juparanã, desaguadouro que liga êste vasto lençol d'água às lagoas da Testa, de São Martins e outras. Continuando, chegaram ao rio Doce junto à barra; por êle subiram, margeando-o durante quarenta dias, numa distância estimada em 70 léguas; tomaram depois o Suaçuí na margem esquerda; passaram finalmente ao Itamarandiba, afluente do Araçuá, que os levou ao Jequitinhonha, por onde desceram até o mar".

Em 1601 o mineralogista holandês WILHELM GLIMMER, tomando parte em uma bandeira <sup>10</sup> chega até as cabeceiras do São Francisco sem, no entanto, encontrar as desejadas minas. Mais feliz é MARCOS DE AZEREDO COUTINHO que, em 1611, encontra a jazida de turmalinas levando algumas amostras como sendo esmeraldas. Examinadas estas “disseram os lapidários que aquelas eram de superfície e estavam tostadas de sol, mas que, se cavassem ao fundo, as achariam claras e finíssimas” <sup>11</sup>. MARCOS DE AZEREDO, que fôra com um único companheiro, não quis, entretanto, revelar o segredo das minas e, perseguido, morreu na prisão sem descrever o roteiro das esmeraldas. Deve-se a êle o primeiro esboço de um mapa do rio Doce.

Diante dêste mistério reacende-se a febre das esmeraldas. Os próprios jesuítas solicitam e obtêm uma autorização em 1633 para promover uma “entrada” à procura das jazidas encontradas por MARCOS DE AZEREDO. Ao mesmo tempo pretendiam catequizar os índios do rio Doce.

Há notícias ainda das bandeiras de JOÃO CORREIA DE SÁ e ÁLVARO RODRIGO DO PRADO (1653) que não tiveram resultado prático.

O Govêrno Geral continua também a interessar-se pelo assunto e, em 1659, o governador SALVADOR CORREIA envia ao sertão DUARTE CORREIA acompanhado por dois filhos de MARCOS DE AZEREDO. Novo insucesso representa esta expedição. O mesmo se dá com a expedição de AGOSTINHO BARBALHO BEZERRA em 1670.

A redescoberta das minas de MARCOS DE AZEREDO só se daria em 1681 pela vontade indomável do bandeirante FERNÃO DIAS PAIS LEME. Ricaço em São Paulo, o seu desejo expresso de descobrir as esmeraldas, valera-lhe, antes de partir para o sertão com 66 anos de idade, o título de “Capitão-Mor das Minas de Esmeraldas”. Partindo de São Paulo em 1673 chega por sucessivas etapas à região do Sêrro, entre as cabeceiras dos rio Doce e São Francisco, onde mantém um quartel-general durante quatro anos. A partir do mesmo, sofrendo as mais duras privações, é que vai encontrar finalmente as sonhadas esmeraldas nas margens da lagoa de Vapabuçu. Enche das mesmas diversas sacolas de couro, mas, para sua desgraça, adquire a febre que, no caminho de volta, o prostrará morto nas margens do rio das Velhas. As suas preciosas esmeraldas, que antes de morrer entregara ao seu gênro MANUEL BORBA GATO, não são mais do que simples turmalinas.

Desfazia-se assim mais uma vez o sonho das esmeraldas, mas o seu completo esquecimento só se deu quando uma febre mais forte rompe de súbito. É no ano de 1693 quando, descendo pelo rio Doce, chega a bandeira de ANTÔNIO RODRIGUES ARZÃO com a grande nova: *ouro!* Era o início da grande corrida que daria origem às Minas Gerais.

### *As primeiras tentativas de povoamento*

A descoberta do ouro promoveu o afluxo da população para uma parte do sertão desabitado e criou uma situação paradoxal. A população de mineradores era obrigada a manter constante contacto com o litoral, do qual dependia para o seu sustento e para onde ia o produto de suas lavras. Esta ligação era feita

<sup>10</sup> ORVILLE DERBY identificou-a como sendo a de ANDRÉ DE LEÃO.

<sup>11</sup> Frei VICENTE DO SALVADOR — *História do Brasil* p. 27.

com São Paulo e o Rio de Janeiro, através de um caminho muito longo e cheio de obstáculos. Frequentemente as tropas que saíam de São Paulo não chegavam ao seu destino, deixando em situação precária os núcleos mineradores em formação. E no entanto, a uma distância muito menor, estava o litoral do Espírito Santo com núcleos de povoamento mais ou menos consolidados e com possibilidades de abastecer a região mineradora. De permeio, porém, estendia-se uma faixa de terras desconhecidas, com densas matas habitadas pelos índios. Eram as “Áreas Proibidas”, verdadeira cortina que escondia o litoral.

O próprio govêrno é que fazia questão de manter esta barreira e ainda no último quartel do século XVIII o governador LUÍS DA CUNHA MENESES referia-se à mesma com os seguintes têrmos: “Certão para a parte leste, denominado Arias Proibidas, na epotese de servirem os ditos certões de uma barreira natural a esta capitania para a segurança de sua fraude”<sup>12</sup>. Havia interêsse de que a região das minas tivesse uma única saída, que era o caminho do Rio de Janeiro, podendo assim ser fãcilmente controlada. Sòmente quando, com a decadência das minas, tomou impulso a agricultura é que esta área seria ocupada.

O rio Doce, a larga estrada fluvial para o mar, tinha-se revelado pouco propícia a uma navegação regular. Na divisa entre as províncias as “escadinhas”, uma série de rápidos, dificultavam muito a navegação. Além disso as margens eram densamente cobertas de matas, extremamente febris e os índios atacavam a todos que se aventuravam a passar por ali.

Durante um século, por isso, o rio Doce ficou esquecido e apenas alguns aventureiros se arriscavam a navegar pelo mesmo. No fim do século XVIII, entretanto, as minas de ouro começavam a dar sinais de esgotamento, o mesmo acontecendo com as terras das imediações utilizadas para lavoura. O então governador da província de Minas, em 1781, promove algumas explorações na região dos afluentes do rio Doce, descendo até as célebres “escadinhas”. O intuito era conseguir novas terras com mata para colocar os agricultores<sup>13</sup>.

Ao mesmo tempo que se realizava êste movimento por parte de Minas, a província do Espírito Santo procurava povoar o vale subindo o rio. O vice-rei do Brasil, por volta de 1785, aconselhava o povoamento das terras do rio Doce. Neste sentido ANTÔNIO PIRES DA SILVA PONTES que assume o govêrno da capitania em 1800 traz instruções concretas. Ainda no mesmo ano êle sobe o rio Doce para encontrar-se com o governador de Minas, acertando-se o limite entre as duas províncias.

Entendeu êste governador promover o povoamento do sertão mas pouco êxito obteve porque um edital de 1801 proibía a concessão de qualquer sesmaria a menos de três léguas da costa ou da margem dos rios. Êste edital era em obediência a uma Carta Régia de 1797 e a intenção era não permitir a exploração de minas e a formação de núcleos de povoamento em locais onde ficassem sujeitos ao ataque por parte de potências estrangeiras. Deve-se a PONTES, entretanto, um importante empreendimento que foi a criação de uma série de quartéis destinados a proteger os viajantes e colonos da região do rio Doce. A

<sup>12</sup> CAIO PRADO JÚNIOR — *Formação do Brasil Contemporâneo*, reproduzindo uma citação de Diogo de Vasconcelos em *História Média de Minas Gerais*.

<sup>13</sup> e <sup>14</sup> AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE — *Segunda Viagem ao Interior do Brasil*.

criação destes quartéis foi em obediência a uma Carta Régia de D. JOÃO VI, em 1808, que estabelecia o extermínio dos botocudos do rio Doce. Na realidade estes "quartéis" não eram mais do que simples cabanas onde ficavam 4 a 5 soldados, completamente isolados na mata. Por aí pode-se ver, mais uma vez, quão insignificante era na realidade a agressividade destes índios. Cinco destes quartéis são mencionados<sup>14</sup>: Quartel do Riacho, dos Comboios, de Regência, de Linhares e do Pôrto do Sousa, este último próximo à divisa com Minas. A sede destes quartéis era em Linhares onde morava o alferes responsável pelos mesmos.

O governador seguinte, que foi MANUEL DE ALBUQUERQUE TOVAR (1804-1812), seguindo as instruções superiores procurou, por sua vez, promover o povoamento da região do rio Doce. Durante o seu governo apareceu o grande paladino da navegação e povoamento deste rio D. RODRIGO COUTINHO, conde de LINHARES.

O grande sonho do conde de LINHARES era estabelecer um comércio regular entre Minas Gerais e o litoral espiritosantense. Sua opinião era que antes de tudo seria necessário criar próximo à foz uma cidade bastante importante para funcionar como entreposto do comércio que se desenvolveria com a navegação no rio Doce. SEBASTIÃO TOURINHO, na sua viagem de exploração, tinha criado junto à desembocadura do canal da lagoa de Juparanã uma localidade que invocou a N. S. da Conceição. O verdadeiro início do povoado só se deu, entretanto, em 1593, inicialmente com o nome de "Coutins" e, posteriormente, de "Pancas"<sup>15</sup>. Este povoado o conde pretendia desenvolver e, em sua homenagem, em 1800, passou a chamar-se Linhares. De 1792 a 1815 Linhares exerceu a função de presidio militar.

O governador TOVAR, procurando contribuir no esforço de desenvolver Linhares, tenta interessar os lavradores do litoral a se mudar para ali. Apenas um atende ao seu apêlo e vendendo a sua propriedade em Itapemirim, muda-se para lá. Este colono, cujo nome era JOÃO FILIPE CALMON, ainda é encontrado por SAINT-HILAIRE em 1818. Diante deste insucesso a administração envia para Linhares alguns colonos espanhóis que vinham das Canárias com destino a Montevidéu, mas que naufragaram perto de Vitória. Aventureiros, desertores, índios fugidos e mulheres de má vida, formavam o restante da população.

Para incentivar a navegação o conde de LINHARES publicou um decreto pelo qual se declarava isenta de qualquer impôsto tôda mercadoria que passasse por água da província do Espírito Santo para a de Minas Gerais. Querendo dar o exemplo, o próprio governo toma a iniciativa, sem grandes resultados conforme se percebe no relato de ESCHWEGE: "O governador fizera carregar de sal algumas canoas, que, com dificuldades, subiram o rio, postas mais de 20 vêzes em terra, assim como as respectivas cargas, a fim de se contornar cachoeiras, enquanto o pessoal da expedição sofria ferozes ataques dos botocudos. Chegando a Minas, vencidos muitos perigos, vendeu-se o sal, carregou-se algum algodão, e iniciou-se a jornada de regresso, com os mesmos riscos, a ponto de ninguém mais se abalarçar a semelhante cometimento"<sup>16</sup>.

<sup>14</sup> AUGUSTO DE SAINT HILAIRE — *Segunda Viagem ao Interior do Brasil*.

<sup>15</sup> *Dic. Geogr. e Hist. do Estado do Esp. Santo*.

<sup>16</sup> Transcrito em MÁRIO A. FREIRE — *Obr. citada*.

O transporte de sal, que na província de Minas atingia preços elevados, tornou-se o único motivo da navegação no rio Doce. Era, no entanto, uma navegação incipiente e, quando SAINT-HILAIRE visitou Linhares em 1818, o comércio com Minas se resumia numa viagem anual por iniciativa dos mineiros! Além disso os acidentes eram freqüentes e existe no rio Doce uma ilha com o nome de ilha do Sal porque, por diversas vêzes, naufragaram junto à mesma canoas carregadas com êste produto.

Fazendo um retrospecto da situação ao norte do rio Doce até o comêço do século XIX, verifica-se que tôdas as tentativas de povoamento se resumem na penetrações pelos dois rios principais: o São Mateus e o Doce. Destas penetrações resultaram respectivamente as vilas de São Mateus e Linhares, cuja esfera de influência era praticamente insignificante. Não eram mais do que dois pequenos núcleos estagnados, encravados no meio de um sertão e mantendo contato com a civilização através de uma navegação esporádica. Sua influência como centro de expansão do povoamento foi praticamente nula até a segunda metade do século XIX

Sucedendo a TOVAR assumiu o govêrno da capitania, em 1812, FRANCISCO ALBERTO RUBIM, uma personalidade complexa, que ao par dos benefícios que promoveu na capitania, teve também algumas atitudes estravagantes que foram prejudiciais ao progresso da mesma. Dois grandes problemas receberam os cuidados de RUBIM: a abertura de vias de comunicação e o povoamento do sertão.

Em 1814 foi publicada uma nova lei regulando a concessão de sesmarias revogando a lei de 1801 que proibia o povoamento ao longo da costa e das margens dos rios. Procurando favorecer os agricultores do interior RUBIM fixou o preço da farinha de mandioca produzida nas proximidades de Vitória em 4 cruzados o alqueire o que fêz com que muitos lavradores desistissem desta cultura. Com isso se beneficiou a vila de São Mateus, que produzia principalmente farinha de mandioca, e que enviou vários carregamentos para Vitória. Em Linhares RUBIM promoveu plantações de mandioca a arado, além de culturas de trigo e de linho!

Apesar de tudo, porém, o povoamento caminhava a passos lentos. SAINT-HILAIRE, ao fazer a viagem de Regência a Linhares, em 1818, encontra em todo êste trajeto apenas um colono branco e três índios civilizados nas margens do rio Doce. Dizia-se nesta época os maiores horrores sôbre esta região e o próprio governador tentara demover SAINT-HILAIRE de sua viagem dizendo: "O rio Doce é um inferno".

Além do perigo dos índios havia o perigo muito maior da febre. Todo aquêle que se aventurava pelas margens do rio caia-lhe como vítima. Os índios criaram um ódio de morte aos portugueses, em virtude de perseguições e maltratos. SAINT-HILAIRE relata o fato de um colono que se estabeleceu no local da atual cidade de Regência por volta de 1770, mantendo com os indígenas relações de amizade. Um dos chefes indígenas, porém, manifestou a intenção de casar-se com uma filha do mesmo e para livrar-se do importuno o colono distribui aos índios quinquilharias infectadas com o vírus da varíola. Terrível epidemia grassou na tribo, matando a maioria dos índios, mas os sobreviventes, desconfiando da traição, destruíram as plantações e a casa do colono. Desde

então as relações eram de franca hostilidade. Posteriormente, porém, graças aos esforços de um francês, GUIDO MARLIÈRE, os índios voltaram às pazes. Em 1823 conseguia êle angariar as simpatias da tribo que habitava a parte meridional do rio Doce — os zamplan, e um ano mais tarde acontecia o mesmo na margem norte com os naq-ne-nuq. Ataques esporádicos não deixaram, entretanto, de ocorrer até a extinção das grandes tribos.

Com a pacificação dos índios redobram os esforços de colonizar o rio Doce. O governador BALTASAR DE SOUSA BOTELHO E VASCONCELOS, que sucedera a RUBIM em 1820, concede uma série de sesmarias (68 ao todo) na zona do rio Doce, sem que houvesse, no entanto, grandes progressos na colonização.

Esta situação de marasmo haveria de perdurar até o raiar do século XX, quando se deu efetivamente no Espírito Santo a ocupação do vale do rio Doce. Na província de Minas, conforme relata SAINT-HILAIRE, teria havido maiores progressos. O govêrno tinha cedido a uma companhia anglo-brasileira, por um prazo de 20 anos, os direitos de navegação e exploração de ouro na bacia do rio Doce. "Ciumentos de verem os estrangeiros despojá-los de suas riquezas, para ir usufruí-las, ràpidamente, na Europa, os naturais se apressavam em evitá-los e se espalhavam nestas florestas imensas, apesar de povoadas apenas por botocudos".

No Espírito Santo o único centro que teve um desenvolvimento relativamente importante foi São Mateus. Tanto assim que em 1835 era declarada sede de comarca, formando, juntamente com Vitória e Itapemirim, as três primeiras comarcas do Estado. Até 1870 São Mateus resumia-se em um núcleo relativamente próspero, em tórno do qual havia fazendas que produziam principalmente farinha de mandioca. Para oeste estendia-se o sertão desconhecido e inexplorado. Por volta desta época, entretanto, manifesta-se a partir de São Mateus um movimento de expansão. ANTONIO RODRIGUES DA CUNHA o barão de AIMORÉS, inicia uma exploração rio acima e descobre a cachoeira do Cravo, no braço sul do rio São Mateus. Aí, com auxílio do trabalho dos índios, começa uma fazenda e mais tarde instala um engenho — o Engenho Central — mantendo grandes plantações de cana. O motivo que o levou a instalar êste engenho tão longe de São Mateus está ligado a questões de fertilidade do solo, que na região dos chapadões terciários de São Mateus não se presta ao cultivo da cana de açúcar. Um certo dia, porém, os índios que trabalhavam na fazenda revoltam-se e ateam fogo às plantações de cana, fugindo em seguida. Desgostoso o barão abandona o engenho e penetra mais adiante até Serra de Cima (ao sul da atual vila de Nova Venécia), onde instala uma fazenda de café. Esta nova penetração provàvelmente é posterior a 1878, pois no mapa publicado nesse ano<sup>17</sup> só figura um caminho até a cachoeira do Cravo.

O exemplo dado pelo barão de AIMORÉS é seguido por outros aventureiros e com isso fica desbravado um longo trecho do rio São Mateus.

Estas novas fazendas tiveram que enfrentar um grande problema com a falta de braços para a lavoura. O trabalho do indígena era muito inconstante e falho. Em substituição ao mesmo introduziu-se o escravo africano e São Mateus deve muito ao suor do negro. Em 1876 a população de São Mateus era

<sup>17</sup> Mapa da Província do Espírito Santo, org. por C. CINTRA e C. RIVIÈRE.

de 4 566 habitantes dos quais 2 588 eram livres e 1 978 escravos<sup>18</sup>. As atrocidades praticadas contra os escravos nesta vila criaram fama. O Sr. AMÉRICO SILVARES, farmacêutico aí nascido em 1873, ainda guarda na memória as cenas dantescas da escravatura, inclusive o aniquilamento de um quilombo que se formara a uma légua apenas da vila.

Com a proibição do tráfico de escravos e, finalmente, com a abolição da escravatura, o problema da falta de braços recrudescceu novamente e tentou-se encontrar uma solução na emigração estrangeira.

### *A colonização européia*

O início da colonização européia em grande escala no Estado do Espírito Santo data de 1847 com a criação da Colônia Santa Isabel. Com a vinda de sucessivas levas de colonos, principalmente alemães, fundaram-se outras colônias, encetando-se o povoamento da região serrana coberta de matas, que ficara entre o litoral e a região povoada de Minas Gerais. Êste movimento de colonização desenrolava-se, entretanto, na parte central do Estado, utilizando os rios Jucu e Santa Maria como vias de penetração. A região ao norte do rio Doce só vai receber os primeiros colonos em 1888, sendo os mesmos italianos. A emigração alemã sofrera em 1859 uma séria restrição com o célebre Rescrito de Heydt, passando a entrar grandes levas de emigrantes italianos, principalmente depois de 1880. É uma pequena parcela dos mesmos que é encaminhada ao norte do rio Doce.

São Mateus, que se desenvolvera às custas da escravatura, por esta época debatia-se às voltas com sérias dificuldades da falta de braços. Com o intuito de criar ali uma colônia, foram desviadas de uma leva que se destinava a Santa Teresa, inicialmente, 50 famílias de italianos das províncias de Pádua, Verona, Mântua, etc. Com as mesmas criou-se a 24 quilômetros de São Mateus a Colônia Santa Leocádia. Localizada em plena região baixa (50 a 60 metros de altitude) numa área coberta de matas, mas apesar disso de solos relativamente pouco férteis, esta colônia teve um comêço cheio de percalços. Inicialmente os colonos ficaram alojados coletivamente em um grande barracão pois não tinham sido tomadas as providências para colocá-los nos seus lotes definitivos. Os próprios colonos tomaram parte nos trabalhos de abertura das picadas, demarcação e construção das casas provisórias, recebendo um salário em pagamento. Sob a inclemência do clima sofreram as maiores privações. O desejo de todos era voltar imediatamente, o que não fizeram unicamente por falta de recursos. Dirigindo-se ao seu intérprete indagaram se tinham sido vendidos como escravos, e neste caso submeter-se-iam à triste sina, ou se eram ainda súditos italianos, e neste caso desejavam voltar para a Itália. Não sendo atendidos chegaram a fazer um levante, marchando contra São Mateus, onde foram contidos pelas autoridades com auxílio da população.

Na ignorância de seus verdadeiros males, os colonos criaram a lenda de que ao cortarem as árvores da mata o veneno das mesmas penetrava-lhes no corpo, causando uma série de sofrimentos.

À custa de muitos sacrifícios os sobreviventes lograram iniciar as suas culturas verificando, entretanto, que o solo era pouco fértil. Por êste motivo o

<sup>18</sup> Dados colhidos na Prefeitura de São Mateus.

núcleo colonial de Nova Venécia, fundado dois anos mais tarde (1890), foi localizado numa zona de solos melhores, junto à fazenda do barão de AIMORÉS. Os colonos que seguiram para Nova Venécia trabalharam inicialmente nas fazendas aí existentes como empregados. Somente mais tarde, quando o governo terminou as medições é que ocuparam os seus lotes, trabalhando por conta própria. A grande dificuldade aí foi a obtenção de gêneros alimentícios no começo da colonização, pois uma tropa gastava no percurso de ida e volta a São Mateus 11 a 12 dias. Esta situação só foi remediada em 1924 com a construção da pequena estrada de ferro de São Mateus a Nova Venécia.

Estas duas iniciativas de colonização italiana colocaram ao longo do braço sul do São Mateus elementos de origem italiana até a altura de seu afluente Muniz Freire. Esta ocupação não é, entretanto, contínua porque intercaladas entre as colônias há fazendas de gado e outras grandes propriedades.

Os acontecimentos verificados nestas duas colônias e nas outras mais ao sul, levaram o governo italiano a emitir uma lei em 20 de julho de 1895 proibindo a emigração para o Espírito Santo.

Muito mais importante do que a colonização do vale do São Mateus, porém, foi a ocupação definitiva do vale do rio Doce.

### *A conquista do vale do rio Doce*

Na sua obra *Vom Itatiaya zum Paraguay*, OTTO MAUL apresenta um mapa da principal área colonizada no Estado do Espírito Santo, distinguindo a nacionalidade dos colonos. Pelo exame do mesmo (Fig. 7) pode-se perceber o desenrolar da marcha da colonização neste Estado.

A partir dos núcleos iniciais Santa Isabel e Santa Leopoldina (Pôrto do Cachoeiro), respectivamente nos rios Jucu e Santa Maria de Vitória, estendeu-se a colonização alemã por toda a bacia destes dois rios, acabando por confluir as duas áreas. O número de capelas que são assinaladas nesta região expressa bem a importância e relativa densidade demográfica da mesma. A expansão para oeste ficava limitada pela existência da região montanhosa que se estende em direção à divisa com o Estado de Minas. A elevação de altitude é de molde a constituir um clima de "terra fria", inadequado à cultura cafeeira, que era, e ainda é, a principal cultura dos colonos<sup>19</sup>. A tendência natural, então, foi a expansão para o norte. Os vales dos afluentes do rio Doce, correndo no sentido norte-sul, foram os eixos diretores deste movimento.

O primeiro a ser povoado foi o Santa Maria do rio Doce e, já em 1891, iniciava-se no atual local da cidade de Colatina a primeira derrubada para a medição de lotes<sup>20</sup>. Para estes serviços construiu-se um barracão e o local ficou conhecido por "Barracão do Santa Maria". A penetração deste vale foi uma consequência da expansão de Santa Leopoldina e, por conseguinte, inicialmente foram colonos alemães que se deslocaram para lá. GRAÇA ARANHA, no seu romance *Canaã*, retrata alguns aspectos deste movimento. Posteriormente,

<sup>19</sup> A expressão "terra fria" é de uso generalizado entre os colonos, no sentido, principalmente, de regiões muito elevadas impróprias para a lavoura do café.

<sup>20</sup> Anteriormente já existia a Estrada de Santa Teresa, que partindo desta vila descia para o vale de Santa Icana e daí até a desembocadura do rio Guandu, onde se instalou uma colônia. Não teve, porém, importante função no povoamento contínuo desta região.





tendo Santa Teresa como centro, desenvolveu-se nesta área uma colonização italiana, que se estendeu para oeste, abrangendo um trecho do rio Santa Joana.

A expansão da área contínua de povoamento alemão, no seu deslocamento para o norte, esbarrando nesta fronteira de nacionalidade, teve que inflexionar para noroeste dirigindo-se para o vale do Guandu. Êste, bem como o curso inferior do Santa Joana, começaram a ser povoados nos primeiros anos do século atual<sup>21</sup>.

Ao mesmo tempo abria-se uma nova grande possibilidade para o povoamento do vale do rio Doce: a construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas. Iniciada em 1903, já em 1906 os trilhos atingiam Colatina, e, em 1908, Baixo Guandu. Ficava assim garantido um fácil acesso e o escoamento da produção e, pouco a pouco, completava-se o povoamento e ocupação da região ao sul do rio Doce.

Mas lá estava o rio Doce como uma barreira nítida separando a região desabitada e coberta de matas ao norte do mesmo. Ainda em 1923, quando OTTO MAULL percorre a região êste constraste chocante é frisado pelo mesmo.

Em 1916, entretanto, realiza-se o primeiro ataque a esta grande reserva de terras devolutas, transpondo-se pela primeira vez o rio Doce com o intuito de estabelecer uma colonização regular ao norte do mesmo. Colonos alemães, oriundos da região serrana do Espírito Santo são os pioneiros. A travessia não se deu, entretanto, em território espiritosantense, mas aproveitando o vale do rio Resplendor no Estado de Minas. Subindo pelo mesmo entraram pelo vale de seu afluente Santo Antônio e, continuando pelo subafluente Laranja da Terra, atingiram as cabeceiras do Mutum e do Panquinhas, afluentes do rio Doce já em território espiritosantense. Só então é que se iniciou a abertura de uma picada ao longo do Pancas, ligando êste novo centro de colonização diretamente a Colatina. Qual a razão desta grande volta para atingir as cabeceiras de rios que poderiam ter sido alcançados simplesmente subindo os mesmos? Na literatura não há referências a respeito. Até hoje, entretanto, chama a atenção o fato de que o rio Pancas, apesar de ser o caminho de passagem de todo o movimento que se realiza com o norte do rio Doce, apresentar-se praticamente despovoado e ainda em grande parte coberto de matas. Procurando saber a razão dêste fato fêz-se menção principalmente da incidência de malária. É possível, entretanto, que esteja em jôgo, também, a existência de alguns latifúndios. O que provàvelmente levou os colonos a tomar Resplendor como ponto de partida é que êste centro urbano tinha um desenvolvimento muito mais importante do que as estações do Espírito Santo e os posseiros mineiros já tinham iniciado o desbravamento para o norte.

Uma interessante coincidência é que no mesmo ano de 1916, quando se dava a fundação da primeira colônia na margem norte do rio Doce, ocorria um outro fato de suma importância na vida do vale: a instalação da primeira fazenda de cacau no baixo curso, a meio caminho entre Linhares e Regência. Esta primeira fazenda, de nome "Maria Bonita", foi o núcleo inicial da importante região cacauzeira que atualmente se estende ao longo de ambas as margens do rio Doce no seu baixo curso. Em capítulo especial ela será tratada com maiores detalhes.

<sup>21</sup> Santa Joana em 1901 e Guandu em 1903.

O movimento pioneiro intenso só começou, entretanto, a partir de 1928, quando foi construída a ponte sobre o rio Doce, em Colatina. Esta fazia parte do projeto de uma estrada de ferro que deveria ligar Colatina a São Mateus, desbravando assim o vasto sertão do norte do Estado. Não sendo levado avante este projeto, a ponte recebeu inicialmente um piso de tábuas e, posteriormente, foi revestida de concreto.

Ainda em 1928 a "Sociedade Colonizadora de Varsóvia" obtinha do governo a concessão de uma área de 50 000 hectares no curso superior do rio São José, fechando um contrato de colonização vigorante até 1946. As informações sobre esta colônia, que recebeu o nome de "Águia Branca", são bastante contraditórias. Em outono do mesmo ano chegavam diretamente da Polônia 252 famílias de colonos. No início a colônia ficava em plena mata, sem ligação com Colatina (pela estrada atual a distância é de 88 quilômetros). O plano de colonização parece que foi bem organizado. A própria administração cuidou de abrir uma estrada até São Domingos, estabelecendo a ligação com Colatina. À disposição dos colonos havia um médico, um professor e um armazém de abastecimento. Apesar de tudo, porém, a colônia não logrou o desenvolvimento desejado e começou a debandada dos colonos. Atualmente apenas cerca de metade do número inicial de famílias ainda permanece no local.

Esta foi a única iniciativa de colonização organizada e de grande envergadura que houve na região. Ao par disso prosseguia a colonização semi-espontânea dos colonos alemães e italianos e seus descendentes, provindos da zona colonial serrana do sul. Havia uma "Companhia Territorial" que estimulava esta colonização promovendo o loteamento e venda dos lotes.

Colatina já assumia, então, a sua posição de cidade chave para o acesso da região ao norte do rio Doce. Situada em local privilegiado quanto às comunicações, tornou-se desde cedo o entreposto de todo o movimento com o norte. O vale do Santa Maria drenava para lá o movimento que descia da serra e, logo em frente, na margem oposta, ficava o vale do Pancas, eixo diretor do movimento pioneiro. A partir do mesmo saíam os dois caminhos principais, ligando a Colatina os centros pioneiros em desenvolvimento: um seguindo para São Luís do Pancas e outro que dava acesso à Colônia Águia Branca.

Avançando por este último, já em 1932, um grupo de descendentes de alemães estabelecia uma ponta de lança que penetrou até o vale do Vargem Alegre, afluente do Braço Sul do São Mateus, encontrando nesta altura com a penetração mineira que, simultaneamente, começava a se desenvolver a partir de Conselheiro Pena e Resplendor, passando por Penha do Norte, Aldeia e Mantena. (Fig. 8).

Através da ramificação que seguia para Pancas também continuava o afluxo e, em consequência, houve uma nova expansão que deu origem a Lajinha (1933), outro núcleo predominantemente alemão.

A região a oeste do rio Pancas foi, assim, no período de 1928-33, penetrada por diversas direções, em contraste com a região a leste do mesmo, que ficou praticamente desprezada, registrando-se apenas duas penetrações de relativa importância: Liberdade (atual Marilândia) e Nova Itália (atual Novo Brasil). Estas penetrações para leste foram promovidas por italianos que, além disso, formaram um núcleo na margem esquerda do rio Doce, em frente a Colatina (São Silvano).

Todo êste deslocamento de colonos que se processou de 1928 até 1938 não teve, no entanto, um caráter de avanço de frente pioneira, com movimentação de grande número de colonos, porque esta época coincidiu com a crise geral no país.

A partir de 1938 houve um novo surto geral em tôda a região, verificando-se uma expansão que continua até hoje.

Já então mais premente se tornara o problema da obtenção de terras ainda virgens e cobertas de matas, que se prestassem aos métodos da derrubada e queimada, que constituem uma rotina dos hábitos agrícolas do nosso lavrador. As últimas grandes reservas de matas e de terras devolutas foram tomadas de assalto e, quando começou a ascensão do preço do café, maior ainda tornou-se a procura de terras virgens.

## A PAISAGEM HUMANA ATUAL

### *A região de Mantena*

Desde fins do século XVIII, quando começou a decadência das minas de ouro, a atual Zona da Mata do Estado de Minas Gerais vem-se dedicando à agricultura. De acôrdo com os métodos agrícolas em uso isto significa que praticamente há dois séculos a mata vem sendo sistematicamente devastada. Levando em conta ainda a diminuição das reservas florestais pela exploração de madeiras e de lenha, era de se esperar um rápido esgotamento das mesmas.

A crise geral de 1928 já veio encontrar muitas fazendas de café e de outras lavouras em franca fase de esgotamento e acelerou, em muitos casos, a passagem para a criação de gado. Muitos cafèzais foram derrubados, queimados e em seu lugar formaram-se pastos. Não se deve entender com isso, porém, um movimento geral. Esta transformação súbita só poderia ser realizada mediante um novo empate de capital e, portanto, só seria de se esperar de um fazendeiro provido de recursos. O pequeno proprietário, o arrendatário e outros tipos de elementos rurais não poderiam acompanhar tal transmutação e, provavelmente, continuaram a viver dos poucos recursos de sua agricultura incipiente. E mesmo o que adiantava produzir mais ou melhor se os preços alcançados não eram de molde a compensar qualquer esforço maior?

Veio, porém, a situação decorrente da guerra. Os preços dos produtos agrícolas começaram a elevar-se atingindo, finalmente, um nível compensador. Houve interêsse, então, em produzir mais. As terras cansadas, exauridas por anos sucessivos de safras e de maus tratos, não podiam, porém, fornecer maiores rendimentos. Com raríssimas exceções nunca passou pela mente de nosso agricultor que uma terra esgotada pudesse ser recuperada. Através das sucessivas gerações transmite-se a tara herdada dos índios e dos escravos africanos, nossos mestres em matéria de agricultura: derrubar, queimar, esgotar e seguir adiante. O lema, pois, era procurar novas terras devolutas.

A maior parte das terras do vale do médio rio Doce, no Estado de Minas, que tinham a vantagem de contar com a estrada de ferro, já estavam ocupadas e em grande parte esgotadas. Restava, porém, uma grande área de terras devolutas: a atual região de Mantena, que ficou isolada. Os motivos dêste isolamento têm a sua causa em alguns fatores geográficos <sup>22</sup>.

<sup>22</sup> Esta questão é analisada pormenorizadamente por P. GEIGER. — "Alguns problemas Geomorfológicos nas regiões entre Teófilo Otoni e Colatina" — inédito.

Uma causa física de grande influência representava a existência da frente de bloco falhado, que se estende ao norte de Aldeia de Cima, e que separa a bacia do rio Doce dos formadores do São Mateus. A serra constituía um obstáculo que não era interessante transpor enquanto houvesse outras terras disponíveis.

Em 1932 um mineiro resolve embrenhar-se nesta região e abre uma posse no atual local da cidade de Mantena. Quatro anos após doa uma parte do terreno para a criação de um patrimônio que, em 1938, conta com as primeiras sete casas. Daí em diante o desenvolvimento é rápido e em 1942 instalava-se a primeira máquina de beneficiar café. Em 1944, quando já contava com cerca de 180 casas, o povoado passa a ser a sede do novo município de Mantena, recebendo este nome. Até então era conhecida por Benedito Quintino pelos mineiros e por Gabriel Emílio ou São Francisco do Meio pelos capixabas.

De quatro anos para cá o movimento recrudescceu. Anualmente novas levas de lavradores vão chegando e os cafêzais vão substituindo a primitiva mata. O município de Mantena rapidamente assumiu a posição de primeiro produtor de café do Estado de Minas, produzindo, segundo informações verbais de seu prefeito, 152 mil sacas em 1949! Ainda segundo informação do mesmo tôda a área do município está praticamente ocupada e não existem mais terras devolutas. O povoamento continua, porém, para norte e espalha-se agora pelos vales dos rios Dois de Setembro e Quinze de Novembro, afluentes do São Mateus.



Fig. 9 — Vista conjunta de Mantena mostrando o sítio da cidade. Ocupando racionalmente um alargamento do vale do São Francisco a cidade sofre um crescimento radial desenvolvendo-se de preferência ao longo das estradas de acesso. O centro comercial corresponde ao aglomerado de casas à direita da fotografia de onde parte também a estrada para Conselheiro Pena. A rua que aparece no centro da fotografia forma juntamente com uma outra, mecos provida de habitações, que segue para esquerda ao pé dos morros, os dois braços de um Y representando a expansão mais recente da cidade. Estes dois braços contornam a baixada brejosa que fica ao centro e que provisoriamente está sendo evitada pelas construções. Nas encostas pode-se observar os efeitos da exploração agrícola irracional. (Foto do autor — 1950)

A cidade de Mantena, o núcleo desta região pioneira, também tem sofrido um grande desenvolvimento. (Fig. 9). Ressente-se, porém, de um grande problema: as dificuldades de comunicação. A estrada que a liga com Conselheiro Pena e com Resplendor, vencendo a grande escarpa, ainda é muito precária, não permitindo um tráfego intenso. A ligação com Colatina, através de Barra do São Francisco, até há bem pouco tempo também era muito difícil. Melhoramentos provisórios permitiram, de uns anos para cá, um tráfego sofrível e atualmente a construção de uma larga estrada, por iniciativa do governo do Espírito Santo, promete solucionar em breve o problema. A construção da mesma já se aproxima de Barra de São Francisco, continuando ativamente.

Em virtude desta situação de dificuldades de comunicação, Mantena não apresenta ainda o aspecto de dinamismo que caracteriza as cidades pioneiras em florescimento. Faltam-lhe mesmo uma bomba de gasolina e uma oficina de reparos de automóveis, índices seguros do desenvolvimento dos transportes. Não é grande igualmente o número de hotéis e pensões e o comércio começa apenas a desenvolver-se, concentrando-se na rua principal da cidade. Mantena parece ter mais uma função administrativa do que propriamente econômica, mas é provável que a situação venha a se modificar logo que melhorem as condições de transporte.

Quanto ao povoamento é tipicamente mineiro, constituindo a região uma continuação da Zona da Mata de Minas. O elemento povoador é exclusivamente nacional e as construções revelam a sua semelhança com as fazendas mineiras. Verdadeiras fazendas também não deixam de aparecer, embora se afirme que haja absoluta predominância de pequenas propriedades. O café é a cultura dominante, espraiando-se rapidamente pelos vales das bacias do São José e do São Mateus. Os cafézais, já em virtude da topografia relativamente

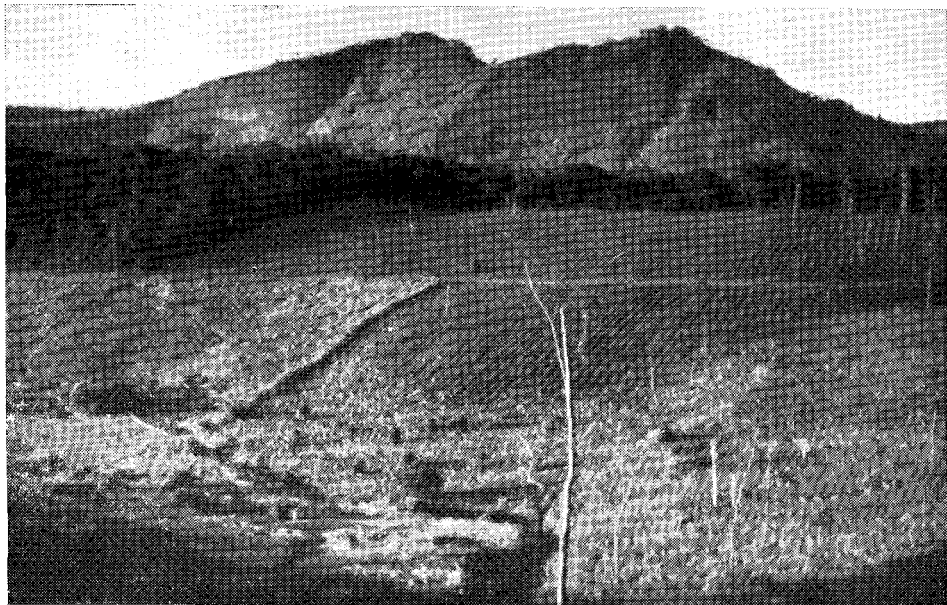


Fig. 10 — Um dos cafézais mais extensos observados nas proximidades de Mantena. As plantações ocupam as encostas das cabeceiras do São Francisco. Dentro do cafézal podem-se observar ainda troncos de árvores da mata que existia no local e, à esquerda, um remanescente da mesma. (Foto do autor — 1950)

acidentada, não são extensos, ocupando, de preferência, as encostas dos vales. (Fig. 10).

Na sua expansão para leste a onda povoadora mineira encontrou-se com o movimento que vinha do Espírito Santo. O contato deu-se à altura de Barra do São Francisco, onde uma verdadeira fronteira cultural pode ser observada.

Até esta cidade sente-se a influência mineira nos tipos das casas, aspecto e hábitos da população, enfim, em tôda a paisagem cultural. Poucos quilômetros além de Barra do São Francisco, seguindo pela estrada que demanda Águia Branca, há uma mudança repentina e o atinge-se o vale do Vargem Alegre. A população revela a sua origem estrangeira, não só pelo aspecto físico, como pelo linguajar, mas basta que se atente para o tipo das casas para ter a certeza de estar numa zona colo-

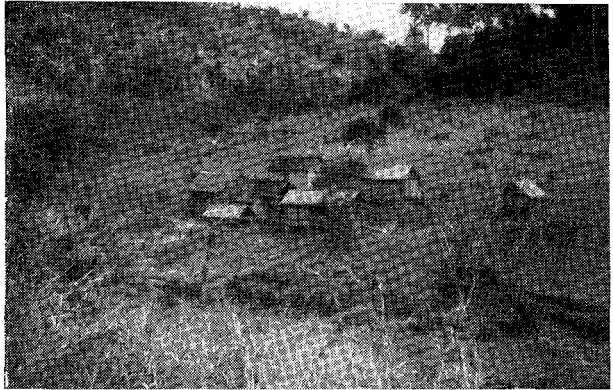


Fig. 11 — Propriedade típica de colono de origem alemã no vale do Vargem Alegre, município de Colatina. Este aglomerado de pequenas dependências é muito comum e tem a sua explicação no fato do colono ir construindo as mesmas à medida das possibilidades e conforme a necessidade. À esquerda aparece a casa principal com a característica pequena varanda na frente. Copa e cozinha ficam na dependência anexa. As demais construções são paióis, depósitos, etc. Observa-se ainda um cercado para porcos e um pequeno curral. Em tôrno do conjunto de casas há um pasto cercado e, na encosta ao fundo aparece um trecho do cafézal. (Foto do autor — 1950)

nia, semelhante àquelas tão comuns no interior do Espírito Santo. (Figs. 11 e 12). Esta expansão foi simultânea com a de Minas, dando-se a primeira penetração em 1932, mas somente a partir de 1946 é que houve um verdadeiro

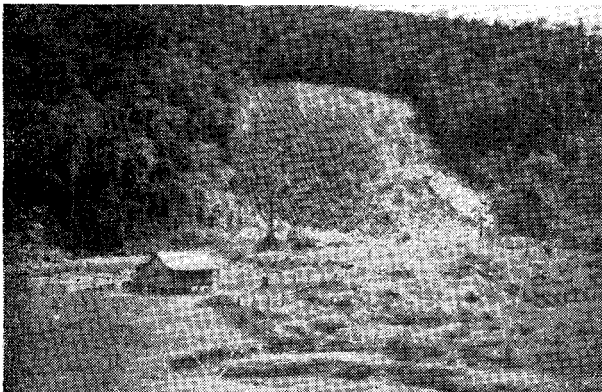


Fig. 12 — Casa de colono de origem alemã de instalação recente no vale do Vargem Alegre, município de Colatina. O colono construiu apenas a casa onde reside, que é isolada do chão, sobre estacas. Já foi prevista a construção da varanda na frente fazendo-se o respectivo telhado. Na encosta do cafézal novo plantado numa clareira aberta na mata. Via de regra as casas ficam no fundo dos vales em virtude da facilidade de obtenção de água. (Foto do autor — 1950)

afluxo. Entre ambas não há fronteiras físicas ou administrativas e não estão relacionadas com o problema do litígio entre os dois Estados. A população não toma parte ativa nesta questão, e interessa-se muito mais em saber qual a situação do mercado do café e qual o preço das terras. Um interesse comum impulsionou a ambas: a sêde de terras virgens. Analisando a situação com cuidado chega-se à triste conclusão de que atrás de tudo, como cau-

### *Colatina, cidade e município*

Desde que em 1891 se instalara o rústico “Barracão do Santa Maria”, núcleo inicial da atual cidade de Colatina, o mesmo passou a ter uma função centralizadora. Neste barracão ficava o escritório das medições e a êle afluíam os novos colonos quando pretendiam adquirir terras. Posteriormente, quando se desenvolveu em tórno do mesmo o incipiente povoado, esta função acentuou-se ainda mais.

Em dezembro de 1899 o povoado adquiria função administrativa passando a ser a sede do distrito de Colatina, pertencente ao município de Linhares. Em virtude de sua posição privilegiada Colatina logrou um rápido desenvolvimento, enquanto Linhares, a sede do município, continuava em franca estagnação. Êste contraste acentuou-se ainda mais quando, em 1906, a estrada de ferro penetrando no vale do rio Doce, atingia Colatina. O centro demográfico e econômico, que até então estava em Linhares, com a sua função de pôrto fluvial, deslocou-se imediatamente para a região beneficiada pela estrada de ferro. O baixo curso ficou isolado, perdendo a sua primazia de centro de gravidade do município e, em consequência, a sede do mesmo era transferida em novembro de 1907 para Colatina. O município, porém, continuava com o nome de Linhares, só passando a chamar-se Colatina a partir de 1921.

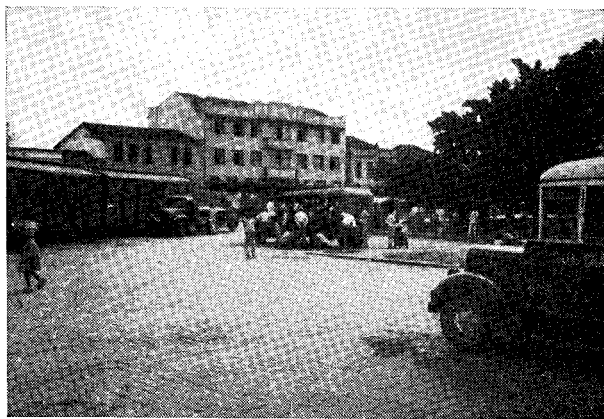


Fig. 13 — Praça central de Colatina. O trem estacionado em plena rua recebe carga, enquanto os pequenos ônibus que fazem a ligação com o interior aguardam o momento de partir. (Foto do autor — 1949)

avenida central as mercadorias são carregadas do depósito para o trem parado à porta. Não há uma estação de carga, todo o centro da cidade representa êste papel. (Fig. 13).

A importância de Colatina como cidade-chave foi compreendida desde cedo e, quando se pretendeu conquistar a região da margem norte, a porta de entrada foi escolhida nesta cidade. Em 1925 foi elaborado o plano de uma estrada de ferro que deveria ligar Colatina a São Mateus, através do imenso sertão que ainda permanecia ao norte do rio Doce. Em 1928 concluiu-se a construção da ponte sôbre o rio, com 750 metros de comprimento, que, diante da desistência da construção da estrada de ferro, passou a drenar o movimento

O desenvolvimento que teve Colatina com a estrada de ferro pode ser observado na própria configuração da cidade. Ela engloba a estrada de ferro, como se fôsse o seu coração e os trilhos representassem as artérias. Êstes trilhos atravessam a rua principal da cidade e todo o movimento de carga e descarga é realizado com o trem parado em plena rua. Das casas comerciais localizadas na



de pedestres e, posteriormente, a circulação rodoviária. Com a construção desta ponte, Colatina teve assegurada a sua posição de cidade-entreponto. Todo o acesso à região da margem norte é concatenado nesta cidade. A onda pioneira concentrava-se neste funil e imediatamente a cidade se tornou o centro dos agenciadores de terras. Por outro lado, tôda a produção que se desenvolvia na margem norte escoava por Colatina. A extração de madeiras, contando agora com a travessia fácil do rio para alcançar a estrada de ferro, tomou um forte desenvolvimento. Logo atrás marchou a onda do café arrasando com o que ficara das matas após a retirada das madeiras de lei.

Colatina é, acima de tudo, uma cidade dinâmica. As ruas estão sempre repletas de gente movimentando-se de um lado para outro, fazendo as suas compras, realizando negócios ou apenas em trânsito para outros lugares. Os hotéis e pensões estão sempre superlotados e os restaurantes contam com uma numerosa freguesia. Sempre há um trem parado na rua, carregando sacos e mais sacos e imensas toras de madeira. Ao mesmo tempo, na pequena praça em frente à Prefeitura, reúne-se a mais grotesca coleção de ônibus que se pode imaginar. Êstes fazem a ligação de Colatina com os quase inacessíveis extremos da penetração pioneira da região ao norte. Mantenas, Pancas, São Mateus e uma série de outros centros secundários têm assim uma ligação regular com Colatina e, além disso, há uma constante ligação com Vitória, com escalas em Santa Teresa e Santa Leopoldina.

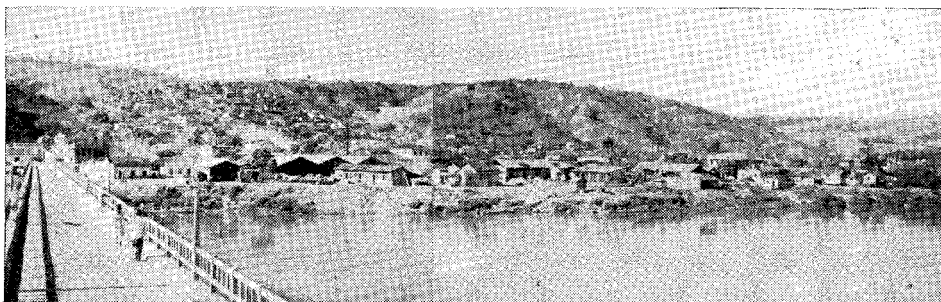


Fig. 14 — Colatina a cidade chave da região espiritosantense ao norte do rio Doce. Instalada às margens do rio, em frente à ponte que faz a ligação com a margem norte, Colatina é o entreposto de tôda esta vasta região. Observe-se o nível regular de colinas que regula em aproximadamente 100 metros de altura. (Foto do autor — 1949)

Em virtude desta agitação Colatina não impressiona bem ao visitante. Instalada sôbre o terraço fluvial, mira-se nas águas barrentas do rio Doce, debruando as margens do mesmo com uma feia moldura de casebres e barracões. Êstes galgam igualmente as colinas ao fundo da cidade. (Fig. 14). As ruas sempre movimentadas, percorridas por uma população geralmente mal trajada, que vem ou que vai para o interior, não oferecem o descanso de um parque ou de um ajardinamento. O eterno aspecto da fileira de vagões carregando e descarregando em plena rua contribui também para enfeiar o seu aspecto urbano.

Mas, deixando de lado esta primeira impressão, reconhece-se em Colatina um coração que pulsa, enviando e recebendo sangue de uma extensa região que está sob sua direta influência. A cada canto da cidade ergue-se uma bomba de gasolina e oficinas de consêrto não faltam. O comércio, evitando todo o supérfluo que represente luxo, oferece ao comprador do interior, que vem à

cidade abastecer-se, os mais variados utensílios e produtos necessários à sua faina rural. Poucas, também, são as diversões públicas. Colatina não tem tempo para se divertir.

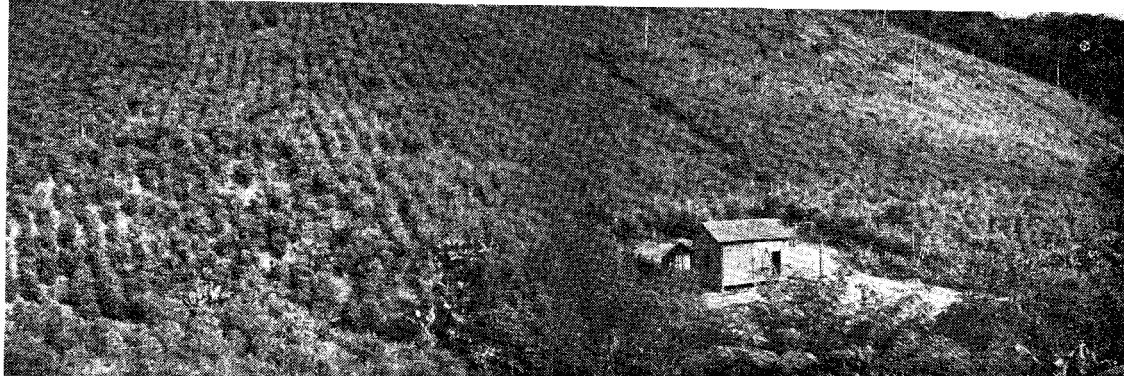
Tendo por centro a cidade de Colatina, estende-se para o norte do rio Doce a vasta região agrícola sob sua direta influência. Duas atividades principais caracterizam a mesma: a extração de madeiras e a cultura do café. A primeira representa um empreendimento em bases capitalistas; a segunda resulta do esforço somado de um grande número de pequenas propriedades, em nada semelhantes às grandes fazendas que caracterizam esta cultura no Estado de São Paulo.

As extensas matas da bacia do rio Doce, ricas em madeiras de lei, atraíram desde cedo a atenção dos madeireiros. Ao longo da estrada de ferro surgiu um grande número de serrarias e, além disso, o pôrto de Vitória oferecia a possibilidade de exportar toras em bruto. Estas serrarias consumiram rapidamente as reservas das imediações e tiveram assim que procurar as madeiras cada vez mais longe. Para o transporte das mesmas abriam-se então estradas rudimentares, suficientes apenas para o trânsito das carrêtas de transporte das toras. Em alguns casos estas estradas eram posteriormente aproveitadas pelos pioneiros que iam à procura de terras devolutas. Um exemplo disso representa a estrada que liga São Domingos a Nova Venécia, que foi aberta por madeireiros e agora serve de via de acesso à população que demanda as terras devolutas ao norte do município de Colatina e partes vizinhas dos municípios de São Mateus e Linhares. A exploração madeireira, repousando em bases capitalistas está apta a contornar muitas dificuldades, abrindo estradas, mantendo caminhões próprios para o transporte de toras e adquirindo a baixo preço grandes áreas de matas ou alugando apenas o direito de retirar as madeiras. É uma empresa que, ao contrário da agricultura, não corre o risco de sofrer perdas totais por anomalias do tempo e o transporte do produto pode esperar até melhorarem as condições das estradas sem o perigo de deterioração.

A agricultura é realizada em princípios inteiramente diferentes. Sujeita a toda espécie de riscos, tanto por anomalias das condições naturais, como pela insegurança das condições dos mercados, ela não atrai os grandes capitais. Por isso é uma atividade de pequenos proprietários, que trabalham por esforço próprio e carecem de uma orientação mais racional.

Desde que começou a colonização na parte sul do Estado, o café era o principal produto cultivado. O avanço da colonização para o norte foi igualmente o avanço, na mesma direção, do café. Em 1920 o então município de Linhares<sup>23</sup> produzia 45 151 sacos de café, enquanto o grosso da produção se concentrava no extremo sul do Estado. Vinte e cinco anos depois, em 1945, somente Colatina produzia 270 213 sacos e, em 1947, 300 000 sacos, enquanto o município de Mimoso do Sul, que ocupa o segundo lugar, produzia 149 232 sacos, ou seja, a metade da produção de Colatina. Atualmente Colatina é o 13.º município produtor de café do Brasil em volume de produção! Viajando pelo mesmo não se tem, no entanto, a impressão de estar numa região de intensa produção. O olhar não vislumbra extensos cafèzais, subindo e descendo pelas colinas como se observa em São Paulo. Aparecem pequenas cul-

<sup>23</sup> Compreendia os atuais municípios de Linhares, Colatina e Baixo Guandu.



— Propriedade com plantação de café ao norte do rio Doce. Podem-se observar na fotografia, da direita para a esquerda, diferentes estágios de decadência no cafézal. À medida que os cafeeiros vão tornando-se improdutivos o vai plantando um novo talhão. No presente caso o colono começou a explorar o lote da direita para a esquerda, neste sentido observa-se: à direita um trecho do cafézal já improdutivo; no centro, atrás da casa, um cafézal em fase de esgotamento, notando-se a ponta dos galhos secos e à esquerda um cafézal mais recente com os pés bem conformados e verdes. (Foto do autor — 1949)

turas adaptadas às irregularidades da topografia que já por si restringe a extensão das culturas. Acima de tudo, porém, é a predominância da pequena propriedade, na base de um lote colonial (25 hectares), que determina o tamanho reduzido dos cafézais.

O que impressiona desfavoravelmente é o aspecto decadente da maior parte dos mesmos. Segundo informações de diversas fontes, um cafézal plantado numa área aberta na mata produz satisfatoriamente apenas 15 anos, em média! Depois deste prazo é derrubado e em seu lugar planta-se mandioca ainda por alguns anos. (Fig. 15). Em seguida, quando a própria mandioca não produz mais, é transformada em pasto ou deixada inteiramente ao abandono. O conhecimento deste fato faz com que muitos colonos que, possuindo terras na região serrana vão comprar lotes na “terra quente”, não se desfaçam de suas antigas propriedades. Comprando um novo lote nesta região, plantam no mesmo as suas culturas e, deixando um membro da família ou mesmo uma pessoa contratada cuidando das mesmas, continuam na sua propriedade na serra. O lote na região ao norte do rio Doce representa assim um papel secundário, uma solução transitória. Comprando a terra a um preço irrisório<sup>24</sup> o colono não se importa que a mesma em 15 ou 20 anos esteja esgotada, porque basta uma safra para cobrir as despesas, dando margem ainda a lucros. É evidente que este não é o aspecto geral e há muitos colonos radicados nas propriedades. Entre estes, porém, já se observa um novo e forte movimento de êxodo para as regiões mais ao norte. Na região de Pancas, Lajinha, etc. já há colonos que vendem as suas propriedades para comprar novas terras em Barra do São Francisco e Mantena. E isto depois de apenas cerca de 20 anos que se processou o desbravamento destas regiões!

Diante disso é difícil de se prever o futuro que está reservado a esta região. As reservas de madeira um dia chegarão ao fim e a fertilidade natural dos solos esgota-se rapidamente. Quando a onda dos devastadores tiver varrido todo o município, deixando atrás a desolação, haverá meios de modificar a situação? Nas zonas de exploração mais antiga, como a faixa ao longo do rio Doce, observa-se atualmente um reagrupamento das pequenas propriedades formando-se propriedades de tamanho médio, dedicadas à pecuária. Este fato verifica-se igualmente no município de Baixo Guandu no qual se observam fazendas de gado no vale do baixo curso do rio Guandu e ao longo das margens do rio Doce.

<sup>24</sup> As despesas de legitimação de uma posse orçam em apenas Cr\$ 125,00 por alqueire.

### A região do rio São Mateus

O rio São Mateus desempenhou um importante papel nos primeiros tempos da capitania do Espírito Santo. Fundada em 1554, a cidade de São Mateus já teve os seus áureos tempos, funcionando como importante pòrto fluvial. Esta função revela-se claramente na própria disposição da cidade, constituída,

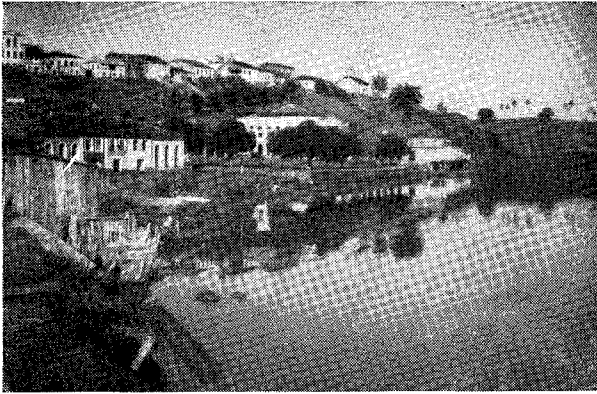


Fig. 16 — São Mateus a histórica cidade às margens do rio do mesmo nome. A semelhança de Salvador é constituída de uma cidade alta e uma cidade baixa. Na cidade baixa observa-se o cais do pequeno pòrto que já desempenhou em outras épocas uma função muito importante. Em cima fica a cidade propriamente dita com o seu centro comercial e administrativo. (Foto do autor — 1950)

à semelhança de Salvador, de uma cidade baixa e uma cidade alta. (Fig. 16). Na cidade baixa, que fica junto à margem do rio, está o cais do pequeno pòrto com as instalações anexas: armazéns, depósitos, etc., bem como um bairro de população pobre. Ladeiras íngremes levam à parte alta da cidade, onde os velhos casarões ainda existentes revelam a função residencial e comercial que a mesma desempenha. É possível

que esta disposição tivesse igualmente uma função defensiva, pois São Mateus ficou sujeita a ataques, inicialmente por parte dos índios, e, posteriormente, dos escravos fugidos que formaram um quilombo a apenas uma légua de distância da cidade.

A mata a princípio chegava até o fundo dos quintais mas, pouco a pouco, foi sendo derrubada e em tórno da cidade instalaram-se diversas fazendas. Estas, em virtude da baixa fertilidade do solo dos tabuleiros, dedicavam-se quase que exclusivamente à cultura da mandioca. A farinha produzida era exportada em canoas, contribuindo inclusive para o abastecimento de Vitória. Atualmente pouca lavoura se observa nas imediações da cidade e no trajeto de São Mateus a Conceição da Barra aparecem verdadeiros campos formados exclusivamente de sapé. Esta gramínea está invadindo as antigas terras de cultura tornando-as inúteis mesmo para a cultura da mandioca.

Quando, após o exemplo do barão DE AIMORÉS, iniciou-se o desbravamento rio acima e teve comêço o povoamento do mesmo, São Mateus passou a ser o pòrto de escoamento dos produtos obtidos em tòda esta região.

Posteriormente, em 1888, teve início no vale do São Mateus a colonização italiana. O relatório de um enviado do cônsul italiano em Vitória, que percorreu a região de São Mateus em 1904, fornece importantes dados<sup>25</sup>. Ao todo foram localizadas neste vale, desde Santa Leocádia até Boa Vista, cêrca de 600 famílias num total de quase 3 000 pessoas!

A primeira colônia a ser fundada foi a de Santa Leocádia e levava-se naquela época 6 horas a cavalo de São Mateus até lá. A colônia estendia-se por

<sup>25</sup> Parcialmente reproduzido em "Colonizzazione italiana nello Stato di Espírito Santo (Brasile) — R. RIZZETO, *Bollettino dell'Emigrazione* Nr. 7 — Roma 1905.

20 quilômetros ao longo do córrego Bamburral, num total de 120 lotes. Lá chegando o emissário teve uma triste impressão, pois apenas 20 lotes ofereciam condições para sustentar as famílias que nêles labutavam, enquanto 60 famílias aguardavam apenas recursos para abandonar o local. As águas semiparadas do Bamburral eram um foco de febres e os solos fracos eram imprestáveis para a cultura do café. Este, ainda por cima, estava num preço irrisório (700 réis por saco) e os compradores de São Mateus mantinham os colonos literalmente escravizados, fornecendo alimentos a crédito em troca do empenho da safra. A miséria era total.

Com mais 7 horas de viagem atingia-se o rio Prêto onde foram colocadas 70 famílias. Os solos desta região mostravam-se mais férteis mas já se fazia sentir o problema da distância.

Pouco mais adiante, no vale do Terra Roxa havia mais 20 famílias e nas imediações de Nova Venécia também existiam algumas, em péssimas condições.

Um importante centro representava Pipinuke com cêrca de 200 famílias. Esta região apresentava-se relativamente próspera porque eram boas as condições de solo e as águas do rio eram saudáveis, ao contrário das outras colônias, como Santa Leocádia, onde as águas eram pútridas. Até São Mateus, porém, eram 4 a 5 dias de viagem através de penosos caminhos.

Boa Vista, o extremo avançado da colonização, contava apenas com 5 famílias, que sofriam esporádicos ataques dos botocudos.

Além dêstes núcleos coloniais, na base de pequenas propriedades, havia algumas fazendas (seis ao todo) que mantinham emigrantes como assalariados. Estas fazendas são mencionadas pelas iniciais dos seus proprietários e tinham a seguinte localização e respectivo número de famílias de colonos:

A. (Cachoeira do Cravo) .....	6 a 7 famílias
M. C. (Serra dos Aimorés) .....	3 a 4 "
C. S. (Terra Roxa) .....	10 a 12 "
V. S. (Destino) .....	2 "
J. C. M. (?) .....	poucas "
D. R. S. (?) .....	sòmente negros

Tôda esta população era dominada totalmente por meia dúzia de comerciantes aboletados em São Mateus. As tropas desciam até esta cidade trazendo o café que era embarcado para Vitória. Posteriormente, por volta de 1923-24, êste movimento tomou tal importância que foi construída uma estrada de ferro de São Mateus a Nova Venécia.

Até que ponto se estendia para oeste a influência de Nova Venécia não foi possível determinar por falta de dados. A primitiva área do distrito de Nova Venécia, antes da criação da Zona Litigiosa, estendia-se até Bom Jesus de Mantena e São Félix. É duvidoso porém, saber se a origem dêstes povoados foi uma conseqüência da expansão rio acima, a partir de Nova Venécia, ou se decorreu da disseminação nas matas de elementos originários de Minas. Examinando o mapa da figura 7, nota-se que na parte oeste, relacionada com Minas, há uma série de pequenos povoados, próximos uns dos outros, enquanto permanece um claro entre esta concentração e a zona povoada de Nova Venécia. É muito mais provável, portanto, que esta área seja uma expansão

a partir de Minas, pelo menos no que diz respeito ao adensamento demográfico, embora não esteja bastante esclarecida a origem dos povoados. Nos dados da campanha estatística de 1942 consta que os povoados de Pipinque, Boa Esperança, Paulistas, São João de Mantena, São Francisco, Florestas, Central, Bom Jesus de Mantena e São Félix, estão ligados à sede do distrito de Nova Venécia por "estradas de pedestres deficientes". É de se supor que esta ligação tenha sido unicamente de interêsse administrativo pois é pouco plausível que êstes povoados mantivessem uma comunicação de finalidade comercial com Nova Venécia, quando muito mais perto estão os centros comerciais mais importantes da Estrada de Ferro Vitória-Minas.

Por volta de 1940 o govêrno estadual determinou a extinção de tôdas as estradas de ferro de bitola estreita. A pequena Estrada de Ferro São Mateus foi, então, transformada em rodovia de traçado retificado. Nova Venécia, por esta época, segundo os dados do recenseamento geral de 1940, contava com 148 casas e 545 habitantes. Atualmente é uma vila de aspecto relativamente próspero, com diversas construções recentes de alvenaria. Está inclusive em construção uma pequena fábrica de manteiga. A vila desempenha, em modestas proporções, o papel de centro de entroncamento, pois dela parte a estrada que faz a ligação com São Domingos e daí a Colatina, e junto à mesma há uma ponte que permite cruzar o São Mateus, dando acesso a Pipinque e outros centros da região pioneira ao norte do mesmo. De 1940 em diante tem havido um novo afluxo de colonos para estas regiões havendo uma intromissão de elementos de origem alemã. No vale do Terra Roxa, por exemplo, entraram a partir de 1942 muitos colonos constituindo aí um núcleo desta nacionalidade.

A nova estrada de São Mateus a Nova Venécia atravessa em parte a ex-colônia Santa Leocádia. Instalada numa área de solos arenosos, pouco férteis, a ex-colônia mantém-se em estado de estagnação, produzindo principalmente farinha de mandioca. Planta-se também café, que é sombreado, mas o mesmo produz apenas 5 anos em virtude da baixa fertilidade do solo! Diante disso os colonos são obrigados a plantar anualmente uma pequena parcela de café, em terreno de derrubada, ao mesmo tempo que a parcela de café improdutivo é arrancada e plantada com mandioca. Êste sistema de plantar café numa verdadeira rotação de terras, naturalmente exige propriedades maiores do que um lote colonial. Muitos colonos abandonaram a colônia e foram abrir posses rio acima, onde o mesmo, correndo em terreno arqueano, apresenta solos mais férteis ao longo de suas margens. Êstes italianos, e seus descendentes, acham-se disseminados entre os caboclos que usufruem das terras devolutas existentes ao longo das margens do São Mateus.

Entre Parada Industrial, onde funciona uma grande serraria, e Nova Venécia aparecem diversas fazendas de gado cuja origem não foi possível precisar.

As terras ao longo do braço norte do São Mateus ainda permanecem em grande parte devolutas e é para lá que se dirige atualmente o avanço pioneiro. Os vales dos afluentes Quinze de Novembro e Dois de Setembro estão em vias de desbravamento, representando o ponto extremo do deslocamento para norte da frente pioneira. O trecho compreendido entre esta frente e o litoral permanece ainda praticamente deserto, correspondendo ao município de Conceição da

Barra. Apesar de densamente coberto de matas êste trecho não é procurado pela onda pioneira porque é formado de vastas chapadas de solos terciários, pouco férteis. Processa-se aí apenas a extração de madeiras, principalmente de peroba, que é exportada pelo pôrto de Conceição da Barra. Esta madeira desce geralmente pelos rios Itaúnas e Itauninhas, porque não existem outras estradas além daquela, que partindo da sede do município, sobe até o encontro da Estrada de Ferro Caravelas. Pela mesma desce com destino a Vitória considerável movimento de porcos transportados em caminhões.

#### *A zona cacauieira do baixo rio Doce*

Apesar de Linhares e Regência, os dois únicos núcleos urbanos do baixo rio Doce, datarem do século XVI, os mesmos representavam sempre dois pontos isolados de povoamento, encravados num vazio demográfico e econômico. O vasto cone de dejeção do rio Doce, formando uma ampla baixada quaternária não atraía os povoadores. O clima úmido e quente, a incidência de febres e a falta de comunicações eram fatores repulsivos ao povoamento mais ou menos contínuo. A única atividade econômica de relativa importância era a extração de madeiras, que eram transportadas pelo rio Doce até Regência e aí embarcadas em navios de reduzido calado.

Assim, quando por volta de 1916, chegou a esta região o Sr. FILOGÔNIO PEIXOTO, plantador de cacau na região de Belmonte na Bahia, ainda havia ao

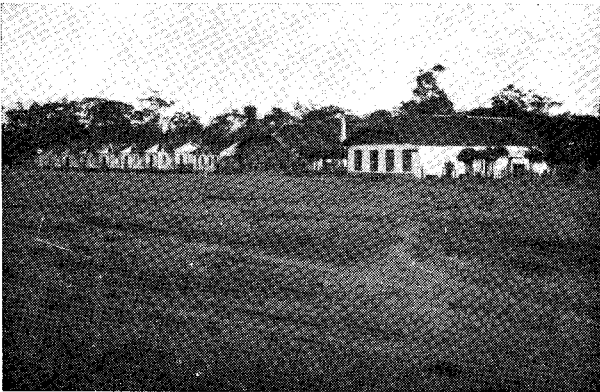


Fig. 17 — A sede da fazenda “Maria Bonita” a primeira fazenda de cacau no vale do rio Doce. Observa-se no centro a primitiva casa da sede ladeada atualmente por construções mais recentes. A mata ao fundo serve de sombreamento às plantações de cacau. (Foto do autor — 1950)

longo das margens do baixo curso do rio Doce densas matas. Com a prática que tinha no assunto, o Sr. FILOGÔNIO reconheceu naquelas baixadas aluviais um terreno ótimo para a cultura do cacau. Trazendo levas de trabalhadores baianos, habituados àquela cultura, iniciou então, na margem direita, mais ou menos a meio caminho entre Linhares e Regência, a primeira fazenda de cacau no rio

Doce. Esta fazenda, de nome “Maria Bonita”, ainda existe, contando atualmente com 175 000 pés de cacau e 800 pés de noz de cola. (Fig. 17). O exemplo dado frutificou rapidamente e hoje, ao longo de ambas as margens do rio Doce, no seu percurso pelo município de Linhares, estende-se um rosário contínuo de fazendas de cacau. Estas têm como única via de comunicação e de escoamento da produção o próprio rio Doce, navegável apenas por embarcações de pequeno calado com motor de pôpa. As sedes das mesmas, bem como as instalações de beneficiamento ficam na imediata proximidade do rio o que revela que não existe o perigo de grandes enchentes. Estas, aliás, são

suavizadas e naturalmente controladas pelo grande número de lagoas que estão em comunicação com o rio.

A zona cacauceira do rio Doce, apesar de ser de origem baiana, apresenta um aspecto diferente daquele que se observa na região produtora de cacau de Ilhéus e Itabuna, na Bahia. Percorrendo esta última não se tem a impressão de estar numa região de grandes plantações. As sedes das fazendas com as suas instalações de beneficiamento e secagem muitas vezes bastante rudimentares, não impressionam, e as culturas aparecem irregularmente disseminadas em pequenos talhões, não formando um conjunto contínuo. Isto, geralmente, está condicionado pela topografia acidentada. No baixo rio Doce, em que a planície aluvial tem de ser aproveitada ao máximo, as culturas são mais extensas e formam um todo mais contínuo. O que impressiona mais, porém, são as sedes das fazendas com as suas instalações de beneficiamento. Vistas de certa distância algumas têm o aspecto de pequenas fábricas com suas chaminés altas e construções regulares de alvenaria. Vilas operárias agrupam-se em tôrno e reconhece-se estar em face do que a literatura geográfica denomina uma "plantation", isto é, a cultura em larga escala, com grandes investimentos de capital, de um produto agrícola comercial de exportação. Há uma firma, por exemplo, que tem várias fazendas de cacau além de empreender também a exploração de madeiras. Êste aspecto de grandes fazendas verifica-se ao longo das margens do rio e cada fazenda pode ser reconhecida pelo pequeno ancoradouro com uma escada para subir a barranca do rio. Êstes ancoradouros geralmente ficam do lado côncavo das curvas do rio e isto explica-se pelo fato do leito do mesmo apresentar-se atulhado de bancos de areia, de modo que o braço principal, que mesmo para as canoas de pequeno calado tem de ser seguido, realiza uma infinidade de voltas dentro do próprio leito. No lado côncavo das curvas o canal de navegação corre o mais próximo da margem e êste fato é aproveitado na construção de pequenos ancoradouros.

Para trás das grandes fazendas, que dominam as proximidades das margens, distribui-se ainda um agrupamento de propriedades menores dedicadas à cultura do cacau em pequena escala. Logo, porém, que começam as elevações da zona montanhosa o cacau é substituído pelo café. Êste café, à semelhança do cacau, em muitos casos é sombreado. Assim, por exemplo, ao sul do rio Doce, na região de Guaraná, colonizada a partir de 1925 por descendentes de italianos<sup>26</sup> vindos de Santa Teresa, todo café é sombreado, sendo do afamado tipo "Capitania".

A maior parte do cacau produzido no rio Doce é sêco em estufas, algumas bastante aperfeiçoadas com contrôle de temperatura. As plantações, na sua maior parte, são feitas pelo sistema da "mata cabrocada", isto é, derrubando a mata parcialmente e deixando as árvores maiores para fornecer sombra. Em algumas fazendas, mais adiantadas, planta-se especialmente as árvores de sombra, sendo a espécie mais empregada para tal fim a *Erithrina velutina*.

<sup>26</sup> Em fins do século passado êste mesmo local foi palco de uma colonização com elementos italianos recém-imigrados, que malogrou totalmente.



Atualmente a cultura do cacau é um empreendimento altamente rendoso desde que houve a valorização do produto. Esta valorização foi extraordinariamente rápida como se observa nos dados abaixo transcritos:

### PREÇO DO CACAU NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO<sup>27</sup>

Unidade: saco de 60 kg.

Ano	Cruzeiros
1942 .....	126,00
1943 .....	126,00
1944 .....	120,00
1945 .....	132,00
1946 .....	146,50
1947 .....	797,90
1948 .....	798,20

Com a valorização do cacau, Linhares, que até então permanecia num verdadeiro marasmo, sofreu um impulso formidável. A cidade, que praticamente se resumia numa rua com poucas dezenas de casas, desenvolveu-se num traçado urbano de largas proporções, com avenidas amplas de planejamento ortogonal. Um surto de construções novas, a maioria das quais ainda não concluídas, surge ao longo das mesmas. O que mais anima, porém, os espíritos empreendedores de Linhares é a construção, já iniciada, da grande ponte sôbre o rio Doce. Uma vez concluída a mesma, tôda a região será beneficiada, pois o atual processo de cruzar o rio por meio de uma balsa constitui sério embaraço às comunicações. Quando o rio está num nível muito baixo esta balsa encalha freqüentemente e todo o movimento fica retido, acumulando-se os veículos em ambas as margens. Entre êstes observam-se, em número apreciável, caminhões carregando porcos que descendo desde a região mineira de Presidente Bueno, cruzam o São Mateus na cidade do mesmo nome por meio de balsa, e, pelo mesmo processo, têm de cruzar o rio Doce em Linhares, para atingir Vitória onde há um frigorífico que produz banha.

A cultura do cacau no baixo rio Doce não tem muitas probabilidades de sofrer um considerável aumento no que diz respeito à área cultivada, pois as terras apropriadas a esta cultura já estão praticamente tôdas ocupadas. O café, que é cultivado nos terrenos acidentados, ainda está ocupando áreas novas, promovendo deslocamentos de frentes pioneiras. Uma destas pode ser reconhecida na região de São Sebastião do Bananal, que fica a oeste da lagoa de Juparanã. Esta região foi penetrada a partir do município de Colatina, através de Marilândia, mas, atualmente, vai ser ligada diretamente a Linhares por intermédio de uma estrada em construção (julho de 1950). A parte nordeste e leste do município ainda está praticamente por desbravar, a primeira com densas matas, em parte declaradas reservas florestais e ocupando solos fracos de tabuleiros por isso pouco procurados para a agricultura; e a segunda formada pela extensa área pantanosa, dificilmente aproveitável.

<sup>27</sup> Os dados referem-se à produção total do Estado, mas como Linhares é praticamente o único município produtor, eles representam na realidade a produção da região do baixo rio Doce. Fonte dos dados: *Agricultura Capixaba*. Comun. N.º 12 do Dep. Estadual de Estatística — Vitória 1949.

## CONCLUSÕES GERAIS

Até o primeiro decênio do século atual a região ao norte do rio Doce conheceu apenas a exploração de riquezas naturais. Desfeita a ilusão das esmeraldas, que serviu de impulso aos primeiros penetradores, a região caiu no olvido. A atenção do Brasil-Colônia voltava-se principalmente para as Minas Gerais que enchiam os cofres do Reino com o cobiçado ouro. A inexistência do mesmo ao norte do baixo rio Doce e a decisão do govêrno criando as chamadas "Áreas Proibidas" isolou esta região do novo centro demográfico promovido pela mineração. O vale do rio Doce, que poderia ser uma via de acesso natural para atingir a mesma, ficou assim excluído, em prejuízo da capitania do Espírito Santo. A única influência direta que teve o desenvolvimento da região das Minas Gerais sôbre esta última foi o aparecimento de um incipiente comércio de sal, produto que tinha uma grande procura na região mineradora. Canoas carregadas dêste produto aventuravam-se a subir o rio Doce quebrando o monopólio que reinava em Minas.

Foi a agricultura, porém, após o declínio da mineração, que venceu a mata do norte do rio Doce. Analisada a rigor, não foi na verdade uma vitória e sim uma derrota. O avanço da agricultura sôbre o sertão interior não deve ser encarado como um avanço mas como uma retirada. O principal motivo que levou a população agrícola a se deslocar para o interior, afastando-se do litoral e dos núcleos demográficos, onde estavam exatamente os centros consumidores, foi a dificuldade de praticar a agricultura rotineira, em virtude do esgotamento progressivo dos solos. Incapazes de modificar os seus métodos agrícolas atrasados, os agricultores começaram a retirar-se para o interior onde ainda havia solos virgens que pudessem servir aos seus processos agrícolas exaustivos. Dentro dêstes princípios se desenrolou inclusive o deslocamento da colonização e, conforme já ficou exposto atrás, a conquista definitiva do vale do rio Doce foi um extravasamento da onda colonizadora da região serrana mais ao sul. Encarando o problema sob o ponto de vista puramente espacial verifica-se, no entanto, que êste extravasamento não foi resultante do adensamento demográfico, fazendo com que a nova geração se visse forçada a procurar outras regiões para trabalhar por falta de terras. Em outras palavras: a área total poderia abrigar uma população rural muito mais numerosa caso fôsse mais eficientemente aproveitada e não se apresentasse tão desequilibrada a proporção entre as terras desocupadas e as realmente em utilização. Terras ainda havia suficientes para receber a nova geração e manter a geração antiga, mas as mesmas já estavam em vias de esgotamento. Ampliam-se de maneira alarmante as áreas de "terras largadas" segundo chama a atenção o Sr. VIEIRA DE RESENDE, uma autoridade de visão lúcida no Estado:

"Assim, tôda essa região espiritosantense, compreendida entre os rios Doce e Itabapoana, caminha francamente para a improdutividade, exaurindo-se de todo. Preciso se torna socorrê-la. Suas populações começam a abandoná-la; e se o govêrno federal as não acudir, ajudando a administração espiritosantense, tôda ela se converterá, dentro de alguns anos, num deserto — em *terra largada*, já incapaz de alimentar e reter os habitantes que lhe restam nesta hora"<sup>28</sup>.

<sup>28</sup> "Hortos Florestais" artigo publicado no Correio da Manhã de 3-2-1949.

Ao mesmo tempo, as áreas devolutas com suas densas matas, ao norte, exerciam uma atração irresistível. O movimento naquela direção foi, assim, acima de tudo, uma conseqüência do apêgo a métodos agrícolas inadequados e, na realidade, deve ser encarado como um deslocamento e não como uma expansão. A simples análise dos dados estatísticos em diferentes épocas revela claramente que as zonas de produção sofreram um deslocamento através do Estado. Zonas que até a chegada das frentes pioneiras assinalavam produções incipientes, ascendem rapidamente a um máximo para, em seguida, entrarem num declínio que se estabiliza em um nível bastante baixo. Penoso é reconhecer que no Espírito Santo êste deslocamento já se estende atualmente em direção às últimas reservas. A situação aproxima-se de um ponto crítico e, por força das circunstâncias terá que haver uma mudança radical na vida agrícola do Estado. O simples exame dos dados estatísticos já deixa transparecer esta situação e as conclusões a que chega JOSÉ DO PATROCÍNIO, analisando os dados referentes ao período de 1942/48, não são animadores: <sup>29</sup>

“As conclusões a que somos conduzidos são, portanto, mais pessimistas que as expostas em nosso último trabalho sôbre o assunto, pois desta vez nem mesmo a ilusão monetária nos permitiu vislumbrar uma fase de progresso para a nossa agricultura. Tôdas as apreciações levaram-nos à decadência das atividades agrícolas processadas nesta unidade da Federação Brasileira”.

É de se esperar a esta altura dos acontecimentos um esbôço de reação, seja por iniciativa espontânea, seja por influência oficial. De fato, na região de povoamento mais antigo podem-se observar algumas medidas isoladas tendentes a aperfeiçoar os processos agrícolas em uso. Embora o assunto escape um pouco ao âmbito dêste trabalho, pois são acontecimentos desenrolados ao sul do rio Doce, não será demais tratá-los ligeiramente, já que interessam ao problema agrícola que é geral.

Conforme já foi dito em outra parte, o café foi sempre o principal produto cultivado e foi a principal causa da procura constante de terras virgens. As chamadas “terras frias”, entretanto, pelo fato de não se prestarem à cultura do café, ficaram isoladas não interessando aos colonos. Atualmente que a cultura do café vem se tornando difícil, em virtude do esgotamento dos solos, do café, ficaram isoladas não interessando aos colonos. Agora que a cultura do café vem tornando-se difícil, em virtude do esgotamento dos solos, estas “terras frias” estão começando a adquirir valor prestando-se para a cultura de produtos de clima temperado, principalmente a batata inglesa. Êste fato pode ser observado nos municípios de Santa Teresa, Santa Leopoldina e outros onde em diferentes pontos vem tendo incentivo a cultura da batatinha.

Um outro movimento espontâneo muito interessante vem desenvolvendo-se na região do rio Recreio, ao norte do município de Santa Leopoldina. Desde 1938 tem-se intensificado cada vez mais a cultura de hortaliças nesta região e alguns agricultores apresentam aí um nível técnico bastante elevado. O exemplo tem tido seguidores e uma nova atividade faz reflorir a região que já caminhava para a depressão econômica que caracteriza a zona colonial antiga. Estas culturas de hortaliças localizam-se de preferência nas várzeas e alvéolos ao

<sup>29</sup> *Agricultura Capixaba* — Comun. N.º 12 do Dep. Est. de Estatística — Vitória 1949.

longo dos rios, e atualmente se procede febrilmente à drenagem dos pequenos brejos para transformá-los em hortas.

Analisando detidamente êstes dois exemplos se observa um fato interessante: no fundo êles não são mais do que a mesma ocupação agrícola de terras virgens, com a única diferença de que pelo fato de serem inadequadas ao cultivo do café, lançou-se mão de outros produtos — a batata na “terra fria” e as hortaliças na várzea. É verdade que na região do rio Recreio há extensas culturas de hortaliças em terrenos de encosta, mas trata-se neste caso de áreas excepcionalmente férteis, possivelmente por causas de natureza geológica. Os agricultores mais adiantados desta área, porém, apesar de aplicarem técnicas adiantadas, utilizando maquinaria agrícola, sementes selecionadas, etc., não cogitam absolutamente da adubação. O princípio básico da agricultura racional, isto é, restituir ao solo aquilo que dêle é retirado não teve ainda a devida atenção. Daí, também, a procura das várzeas pela sua fertilidade natural.

Apesar de tudo, porém, os lucros auferidos pela cultura de hortaliças, que têm um mercado certo em Vitória (que chega a receber verdura de São Paulo, por avião!), estão levando alguns colonos a procurar fazer plantações em terrenos especialmente adubados. Há, no entanto, uma grande dificuldade originada de um fato que pela sua importância bem merecia as atenções dos veterinários e biólogos. Em tôda a região serrana do Espírito Santo ouve-se a queixa generalizada de que é extremamente difícil manter gado. Segundo declarações dos colonos a incidência da môsca do berne é tão grande que o gado pouco a pouco definha e acaba morrendo. Se de fato a causa é esta, ou se há outros fatores em jôgo, não é possível afirmar, mas o que pode ser verificado sem dúvida é que na região baixa a criação é muito mais importante, logrando resultados compensadores, enquanto na região serrana dificilmente o colono mantém algumas cabeças de gado, correndo sempre o risco de perdê-las. Últimamente com o advento dos modernos inseticidas tem havido alguma esperança e alguns colonos empregaram com bons resultados no combate à môsca o mesmo produto que está sendo empregado no combate à broca do café. Esta dificuldade de manter gado na região serrana está promovendo inclusive um comércio de estêrco da região baixa para a região do rio Recreio, segundo informação do pastor radicado em Santa Maria.

Ainda um outro exemplo merece ser citado. Êste nos vem do município de Alfredo Chaves, desenvolvido pela colonização italiana no sul do Estado. Aí, por iniciativa de uma Estação Experimental recém-criada, estão sendo plantados novos cafèzais em terrenos esgotados, utilizados como pastos, mediante a abertura de covas que são adubadas! Nestas restaurações dos cafèzais está sendo empregada de preferência uma nova variedade de café, denominada “Caturra”, originária, segundo parece, de Manhumirim, Estado de Minas Gerais e que está sendo estudada com bons resultados no Instituto Agrônômico de Campinas, em São Paulo. Esta variedade apresenta a vantagem de ser de baixo porte e de alta produção, tendo grande procura por parte dos lavradores. O replantio de cafèzais em terrenos considerados como imprestáveis para a lavoura representa de qualquer maneira uma revolução na rotina agrícola até então seguida.

Representam êstes exemplos o início de uma nova fase nas atividades agrícolas capixabas? Ou serão apenas iniciativas isoladas sem repercussão no triste pano-

rama da paisagem agrícola espiritosantense? Só o decorrer dos acontecimentos futuros poderá responder a estas perguntas.

De qualquer maneira, cabe ao Estado, através de seus órgãos competentes, manter-se alerta para os problemas que o presente já apresenta e o futuro promete levar a um ponto crucial. Basta recordar apenas que, paralelamente à decadência da agricultura em geral, aumentam de maneira alarmante as pragas da lavoura, figurando em primeiro lugar a saúva e a broca do café. Esta última desde a safra de 1949/50 vem sendo assinalada ao norte do rio Doce ameaçando alastrar-se rapidamente e, quanto à saúva, existem somente no município de Santa Teresa, segundo uma estimativa, cerca de 60 000 sauveiros em atividade.

É preciso lembrar que os mesmos elementos que levaram a região colonial serrana do sul a este estado de esgotamento foram os desbravadores e povoadores da região ao norte do rio Doce. Desenrolam-se lá, portanto, os mesmos acontecimentos e o emprêgo dos mesmos métodos agrícolas promove a criação de novas áreas exauridas. O deslocamento da população rural das regiões mais próximas do rio Doce para outras mais ao norte já se processa visivelmente ao mesmo tempo que continua o afluxo de deslocados da parte sul do Estado.

Examinada no seu conjunto já se pode distinguir na região ao norte do rio Doce uma diferenciação em zonas, condicionadas, em parte, pelo deslocamento de sul para norte da frente pioneira.

Ao longo da margem do rio Doce distingue-se inicialmente uma faixa de grandes propriedades que, com exclusão da zona cacauera no baixo curso, foi em grande parte uma consequência do reagrupamento das pequenas propriedades desvalorizadas pela exaustão dos solos. Vendidas a baixo preço, estas propriedades muitas vezes eram adquiridas por um mesmo proprietário e transformadas em fazendas de gado. O fato já atrás referido de que a criação dá melhores resultados nas terras baixas, também, contribuiu para o desenvolvimento desta nova atividade. Estas fazendas podem ser encontradas ao longo do rio Doce e nos vales inferiores dos seus afluentes, tal como o Santa Maria, Pancas, Santa Joana, Guandu, etc. É significativo o fato de que o município de Colatina, segundo o censo geral de 1940, mantinha o maior rebanho bovino do Estado, num total de 24 103 cabeças, seguindo-se Cachoeira do Itapemirim com 23 721 cabeças e São Mateus com 21 131.

Embora as fazendas de criação, com os seus pastos de capim colônio, sejam o aspecto mais freqüente ao longo do vale, podem ocorrer também plantações de cana. Junto a Governador Valadares, por exemplo, há uma usina de cana cujas plantações se estendem ao longo do rio. Em Baixo Guandu fazem-se planos de instalar uma grande usina que funcionará com cana fornecida por diversos cooperados. Esta cidade, aliás, está sofrendo um surto de industrialização que está em função da possibilidade de produzir energia elétrica nas corredeiras aí existentes. Além de diversas serrarias, funciona na cidade uma lapidação de pedras semipreciosas que ocupa 120 operários.

Em seguida a esta faixa de fazendas começa então a segunda zona caracterizada pela cultura do café em pequenas propriedades. Esta zona corresponde ao trecho em que os cafêzais ainda apresentam uma produção rendosa, sendo

o café o principal produto cultivado. As regiões de plantações mais antigas já começam, entretanto, a manifestar sinais de esgotamento iniciando-se o deslocamento da população rural para o norte.

Representando o deslocamento em desenvolvimento aparece, finalmente, a zona pioneira onde se realizam ainda novas derrubadas, inclusive para a extração de madeiras, e onde as plantações são recentes, muitas vezes ainda em fase de crescimento.

Independentemente destas zonas condicionadas pelo deslocamento de sul para norte da frente pioneira fundamentada na cultura do café, aparece na parte leste a região cacauceira do baixo rio Doce e, ao longo do litoral dos municípios de Linhares, São Mateus, e Conceição da Barra, uma faixa de fazendas de côco.

Além do aspecto agrícola o deslocamento da população rural para o norte do rio Doce apresenta um outro aspecto que merece ser considerado: o ponto de vista da adaptação climática dos imigrantes estrangeiros. Quando, em meados do século passado, iniciou-se a colonização em larga escala no Espírito Santo, as primeiras colônias estabelecidas ficavam na baixada litorânea ou, pelo menos, no fundo dos grandes vales que desembocam no litoral. Estavam, portanto, num clima de "terra quente". A tendência natural, porém, foi logo galgar a serra fugindo ao clima quente e úmido do litoral. As colônias da baixada, via de regra, sofreram um colapso total, como aconteceu por exemplo com as colônias italianas estabelecidas na baixada de Santa Cruz. De tôdas Santa Leocádia, em São Mateus, foi a única que logrou subsistir. É evidente que o clima não foi o único fator a influir. De modo geral os solos da baixada litorânea são menos férteis que os da região serrana. Sempre, porém, que havia possibilidade de escolha, o imigrante dirigia-se para a serra atraído pelo clima amenizado em função da altitude. Conforme já ficou esclarecido, as sucessivas levas que foram chegando em pouco tempo ocuparam as terras disponíveis, deixando intactas apenas as "terras frias", isto é, as áreas que pela sua altitude já não eram favoráveis à cultura do café. Em meio século a região serrana estava praticamente ocupada e deu-se o extravasamento para o vale do rio Doce. Isto significa um movimento em sentido contrário: uma passagem da região de clima temperado para a "terra quente". Os mesmos elementos que galgaram a serra meio século atrás desciam-na agora pelo outro lado premididos por um imperativo de ordem econômica: a procura de terras agrícolas. A barreira de ordem climática já não era mais levada em conta desde que houvesse a compensação da fatura. É preciso reconhecer, porém, que a grande massa dos que demandavam a "terra quente" já não eram elementos recém-imigrados, e sim o produto de um longo estágio de adaptação e aclimação e a primeira geração oriunda dos mesmos. Nos rápidos inquéritos realizados com elementos que tinham-se deslocado da serra para a terra baixa a pergunta de se sofriam com o calor mais intenso era sempre respondida negativamente. A única coisa que lhes fazia falta era a água cristalina da serra, pois as águas dos rios da região baixa é parada, quente e insalubre. Para as mesmas regiões onde 30 anos antes tinham morrido levas inteiras de colonos, como foi o caso do núcleo Santa Cruz (atual Guaraná), desciam os seus contemporâneos e seus descendentes, subsistindo sem maiores conseqüências.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Sílvio Fróis, 1943 — “Feições Morfológicas e Demográficas do Litoral do Estado do Espírito Santo”, *Rev. Bras. de Geog.* Ano V, n.º 2: 215-234; 11 figs., 4 croquis e 2 blocos-diagrama in texto — Rio de Janeiro.
- ALMEIDA, Nélson Abner de, 1943 — “Rio Doce, enigma no passado, promessa no presente”. (Conferência), *Bol. Geog.* Vol. I, n.º 7: 42-46 — Rio de Janeiro.
- ASSIS, F. Eugênio de, 1941 — *Dicionário Geográfico e Histórico do Estado do Espírito Santo*, 312 pp. — Vitória.
- DEFFONTAINES, Pierre, 1944 — “Ensaio de Divisões Regionais e Estudo de uma Civilização Pioneira — O Estado do Espírito Santo”, *Bol. Geog.* Ano 2, n.º 19: 985-999 — Rio de Janeiro.
- FREIRE, Mário Aristides, 1945 — *A Capitania do Espírito Santo (1535-1822)* — 182 pp. — Ofic. da “Vida Capixaba” — Vitória.
- GROTKE, Pastor, 1940 — *Laranja da Terra 1910-1940, Ein Rückblick*, inédito, 97 pp., dactilografadas.
- KRUG, C. A. et al., 1949 — Taxonomia de *Coffea arabica* L. II. *Coffea arabica* L. var. *Caturra* e sua forma *xanthocarpa.*, *Bragantia* vol. 9, n.º 9-12: 157-163; Est. 1-3 ex texto e 1 quadro in texto — Campinas, São Paulo.
- LAMEGO, Alberto R., 1949 — “A Faixa Costeira de Vitória”, Div. de Geol. e Min. *Bol.* 128, 68 pp., 50 figs. e 1 mapa ex-texto — D.N.P.M. — Rio de Janeiro.
- LUETZELBURG, Ph. von., 1922-23 — “Estado do Espírito Santo”, in: *Estudo Botânico do Nordeste*, vol. 2.º, publ. n.º 57, série I, A da Insp. Fed. de Obs. Contra as Sêcas: 111-118; 4 figs., in texto — Rio de Janeiro.
- MAULL, Otto, 1930 — “Kreuz und quer durch Espírito Santo”, in: *Vom Itatiaya zum Paraguay*: 78-158; figs. 39 a 76 ex-texto-Leipzig.
- OLIVEIRA, José do Patrocínio, 1949 — *Estatísticas Capixabas*, publ. do Setor de Análise, Docum. e Divulg. do Dep. Estad. de Estatística, 79 pp. — Vitória.  
1949 — *Agricultura Capixaba 1942/48*, Comun. n.º 12 do Setor de Análise, Docum. e Divulg. do Dep. Estad. de Estatística — Vitória.
- RESENDE, Vieira de, 1949 — “Hortos Florestais”, artigo publicado no *Correio da Manhã* de 3-2-1949.
- RIZZETO, R., 1905 — “Colonizzazione italiana nello Stato di Espírito Santo (Brasile)”, *Bolletino dell'Emigrazione* n.º 7: 152 pp., 1 mapa ex texto. — Ministro degli Affari Esteri-Roma.
- RUSCHI, Augusto, 1948 — *O Problema Florestal no Estado do Espírito Santo*, contrib. do Est. do Espírito Santo para a Conf. de Florestas e Prod. Florestais, 29 pp. — Vitória.
- SAINT-HILAIRE, Aug. de, 1818 — *Segunda Viagem ao Interior do Brasil — Espírito Santo*, Bibl. Pedag. Bras., Série 5.ª Brasileira, vol. 71, 245 pp. — São Paulo.
- SOARES, Lúcio de Castro, 1943 — “O vale do rio Doce: sua conquista e colonização”, *Bol. Geog.*, ano 1, n.º 5: 47-48 — Rio de Janeiro.
- WAGEMANN, Ernst, 1915 — *A Colonização Alemã no Espírito Santo*, transcrito no *Bol. Geogr.*
- WÜSTNER, Fr., 1938 — *Eine Urwaldgemeinde in Espírito Santo — Von ihren Freuden und Nöten*, 30 pp. — Rotermund & Co., — São Leopoldo.

## RESUMÉ

L'auteur décrit la zone pionnière du nord du *rio Doce*, dans les Etats de *Minas Gerais* et *Espírito Santo*, analysant les causes qui ont contribué à son apparition.

Il décrit tout d'abord les traits généraux du paysage physique de la région, distinguant deux zones physiographiques distinctes: l'une cristalline et accidentée à l'est, l'autre sédimentaire et plane à l'ouest. Le peuplement et l'occupation humaine n'ont pas été les mêmes en chacune de ces zones car leurs caractéristiques physiques sont fondamentalement différentes.

Analysant le passé historique de la région, il traite des principaux mouvements dans le sens de l'exploration et de l'occupation de la région dès les premières *entradas* à la recherche de pierres précieuses et d'esclaves indigènes jusqu'au mouvement actuel collectif et spontané de déplacement d'un front pionnier. La véritable occupation commença avec la colonisation européenne, quand arrivèrent de grands contingents d'italiens, d'allemands et de polonais. Ce

peuplement de la région située au nord du *rio Doce*, initié en 1915, ne prit un caractère intensif qu'à partir de 1928 quand fut terminée la construction du pont sur le fleuve à *Colatina*.

Etudiant la situation actuelle du mouvement pionnier, l'auteur reconnaît quatre régions qu'il cherche à caractériser. Les deux premières, la région de *Mantena* et celle de *Colatina* sont respectivement originaires du courant de peuplement parti de *Minas Gerais* et de l'*Espirito Santo* à la recherche de terres désoccupées. Ce sont deux régions de grande production de café et d'activité pionnière intense. La troisième région, qui comprend la vallée du *rio São Mateus*, est une aire peu développée à cause de ses sols pauvres. La quatrième et dernière région correspond à la zone du cacao du bas *rio Doce*, qui a pris dernièrement un grand essor.

En conclusion l'auteur fait quelques considérations sur les méthodes agricoles employées, montrant qu'elles sont la cause de l'épuisement des sols sur d'immenses aires. A cause de ces méthodes irrationnelles de culture, de nouvelles aires de forêt sont sacrifiées chaque année, d'où un mouvement continu vers le nord à la recherche de nouvelles forêts. Partant de différents Etats, cette attaque simultanée contre cette dernière grande réserve, a provoqué des différences politiques à propos d'aires qui, jusqu'alors, n'éveillaient aucun intérêt. La question si connue de la zone litigieuse située entre *Minas Gerais* et *Espirito Santo* arrivée à un point crucial par la désastreuse pratique généralisée des méthodes agricoles les plus primitives.

---

#### RESUMEN

El autor describe la zona pionera situada al norte del río Doce en los Estados de Minas Gerais y Espirito Santo, analizando las causas que contribuyeron para su formación.

Comienza por describir los caracteres generales del paisaje físico de la región, distinguiendo dos zonas fisiográficas diferenciadas: una cristalina y accidentada, a Este, y una otra sedimentaria y llana a Oeste.

Como resultado de sus características fundamentalmente diferentes se dieron de modo diverso el poblamiento y la ocupación humana en cada una de ellas.

Al estudiar la historia de la región, el autor trata de los principales movimientos en el sentido de su exploración y ocupación humana, desde las primeras incursiones (*entradas*) por los buscadores de piedras preciosas y esclavos indígenas hasta el actual movimiento colectivo y espontáneo de dislocación de una zona pionera. La verdadera ocupación tuvo inicio con la colonización europea cuando entraron en el país gran cantidad de italianos, alemanes y polacos. Este poblamiento de la región al Norte del río Doce, iniciado en 1916, tomó incremento solamente a partir del año de 1928 cuando se terminó la construcción del puente sobre el río en Colatina.

Al examinar el estado actual del movimiento pionero, el autor distingue cuatro regiones. Las dos primeras, la región de Mantena y la de Colatina, fueron formadas respectivamente por la corriente de poblamiento que vino de los estados de Minas Gerais y de Espirito Santo en búsqueda de terrenos incultos. Son dos regiones de gran producción de café y de intensa actividad pionera. La tercera región, la cual comprende el valle del río São Mateus, es un área escasamente desarrollada debido a sus suelos pobres.

La cuarta y última corresponde a la zona de cacao del bajo río Doce, que presenta hoy notable incremento.

En conclusión, el autor hace consideraciones con respecto a los métodos agrícolas usados, mostrando que son la causa del agotamiento de los suelos de áreas enormes. Debido a estos métodos irrazonables de cultivo son taladas por año nuevas áreas de mata, lo que provocó una dislocación más hacia el Norte en búsqueda de mata. El ataque simultáneo de varios Estados a esta última reserva motivó la controversia política acerca de áreas que hasta entonces no presentaban ningún interés.

La tan conocida cuestión de la zona de litigio entre Minas Gerais y Espirito Santo llegó a una situación crucial debido a la desastrosa práctica generalizada de métodos agrícolas los más primitivos.

---

#### RIASSUNTO

L'autore descrive la zona di colonizzazione al nord del Rio Doce, negli Stati di Minas Gerais e dello Spirito Santo, analizzando le cause che contribuirono alla sua apparizione.

Inizialmente illustra i caratteri generali del paesaggio fisico della regione, differenziando due zone fisiografiche diverse: una cristallina ed accidentata, ad este; l'altra sedimentosa e piana ad ovest. In conseguenza delle sue caratteristiche fisiche fundamentalmente differenti fu diverso il popolamento e l'occupazione umana in ognuna delle stesse.

Analizzando il passato storico della regione tratta dei principali movimenti nel senso dell'esplorazione ed occupazione della stessa, sin dalle prime infiltrazioni per la ricerca delle pietre preziose e di schiavi indigeni, all'attuale movimento collettivo e spontaneo di dislocamento di un fronte di esplorazione. La vera e propria occupazione iniziò con la colonizzazione europea, quando vennero grandi contingenti di italiani, tedeschi e polacchi. Questo popolamento della regione al nord del Rio Doce, iniziato nel 1916, prese un carattere intensivo solamente a partire dal 1928 quando fu terminata la costruzione del ponte sul fiume a Colatina.

Analizzando la situazione attuale del movimento pioniero distingue quattro regioni che passa a caratterizzare. Le due prime: la regione di Mantena e di Colatina furono originate rispettivamente dalla corrente di popolamento che partì da Minas Gerais e dallo Spirito Santo in procura di terre governative. Sono due regioni di grande produzione di caffè e di intensa attività pioniera. La terza regione, che abbraccia la valle del Rio San Matteo, è un'area poco sviluppata a causa dei suoi terreni poveri.

La quarta ed ultima corrisponde alla zona del cacao del basso Rio Doce, che s'incontra ultimamente in grande prosperità.

Concludendo, l'autore fa alcune considerazioni a rispetto dei metodi agricoli impiegati, dimostrando che sono la causa del depauperamento dei suoli di immense aree. In virtù di questi metodi irrazionali di coltivazione sono abbattute annualmente nuove aree di boschi, avendosi con ciò un dislocamento ogni volta più verso il nord in ricerca degli stessi. Questo attacco simultaneo, diretto da differenti Stati, a questa ultima grande riserva, generò la disputa politica a rispetto di aree che fino allora non suscitavano il minimo interesse. La tanto commentata questione della zona litigiosa fra Minas Gerais e Spirito Santo arrivò così ad un punto cruciale in virtù della disastrosa pratica generalizzata dei metodi agricoli dei più primitivi.



## SUMMARY

The author describes the pioneer zone that lies to the north of the Doce river valley, in the States of Minas Gerais and Espírito Santo, analyzing the causes which contributed to its development.

Initially, he describes the general aspects of the physical landscape of the region, making a distinction between two distinct physiographic zones: the first, crystalline and hilly, to the east, and the other, sedimentary and plane, to the west.

In consequence of the fundamentally distinct physical characteristics of these two zones, the peopling and settlement in each one of them was diverse.

In analyzing the historic past of the region, the author describes the principal movements in the sense of its exploration and occupation, since the first expeditions which sought for precious stones and indian slaves to the collective and expontainous dislocation of the pioneer fringe.

The actual occupation of that region began with the european colonization, when large numbers of italians, germans and poles arrived.

This peopling of the region which lies north of the Doce river valley, initiated in 1916, acquired an intensive character in 1928, when the construction of a bridge over the river was finished near the city of Colatina.

In analyzing the situation of the pioneer movement nowadays, the author recognizes four regions and describes their characteristics as follows.

The first two regions: the region of Mantena and Colatina were, respectively, originated by the peopling current which started from Minas Gerais and Espírito Santo looking for unoccupied land. These two regions have a large production of coffee and intense pioneer activity.

The third region, which is essentially composed of the valley of the São Mateus river did not develop like the others due to its weak soil constitution.

The fourth and last region corresponds to the cacao producing zone of the lower Doce river which is experimenting nowadays great prosperity.

In concluding, the author makes some considerations on the cultivation methods employed in the region showing that these methods are the direct cause of the weakening of its soils.

Due to these primitive cultivation methods, new tracts of forest are wiped out yearly causing a progressive advance northwards to take place. This simultaneous attack, starting from various States, to the large forest reserve of the region created a political dispute on territories, until the moment, completely unimportant.

The so discussed question of the litigious zone between Minas Gerais and Espírito Santo arrived thus to a crucial point due to the generalized application of primitive cultivation methods.

## ZUSAMMENFASSUNG

Der Verfasser beschreibt die Pionierzone nördlich des *rio Doce* in den Staaten *Minas Gerais* und *Espírito Santo* (Brasilien) und untersucht gleichzeitig die Ursachen die zur ihrer Entstehung beigetragen haben.

Erstens beschreibt Er die Grundzügen der Naturlandschaft, indem Er zwei physiographisch verschiedene Gebiete unterscheidet: ein kristallines, bergisches im Westen, und ein flaches Ablagerungsgebiet im Osten. In Grund ihrer physischen verschiedenen Merkmalen übte sich die Besiedelung und Landbenutzung in diesen zwei Gebieten auch sehr verschieden aus.

Weiter betrachtet der Verfasser die historische Entwicklung der Besiedelung und erwähnt die wichtigsten Forschungsreisen zur Entschleierung und Bekanntschaft dieses Gebietes, zeit den ersten Eindringungen auf der Edelsteinsuche und zum Indianersklavenfang, bis zum kollektiven und dauernden vordringen der regelrechten Pionierfront. Die wirkliche Besiedelung begann mit der europäischen Kolonisation, zur Zeit in der eine starke Einwanderung von Italienern, Deutschen und Polen bestand. Diese Besiedelung des nördlichen Gebietes vom *rio Doce*, die um 1916 begann, zeigte aber nur einen intensiven Charakter von 1928 ab, Jahr im dem der Bau der Brücke über den Fluss in *Colatina* zum Schluss kam.

Bei der Untersuchung der heutzutage Situation der Pionierzone unterscheidet der Verfasser vier Gebiete die Er weiter beschreibt. Die zwei ersten, das Gebiet von *Mantena* und von *Colatina*, entstanden beide durch die Besiedelungsketten die von *Minas Gerais* und von *Espírito Santo* ausgingen, in der ständigen Suche nach unbesetztes Land. Es sind zwei Gebiete wichtiger Kaffeeproduktion und intensiver Pionieraktivität. Das dritte Gebiet entspricht dem *São Mateus* — Tal und ist in Ursache der Unfruchtbarkeit des Bodens weniger entwickelt. Das vierte und letzte umfasst das Kakagebiet des Unterlaufes des *rio Doce* wo sich in Ursache der sprunghaften Erhöhung der Preise in den letzten Jahren eine grosse Entwicklung stattfindet.

Im Schluss befasst sich der Verfasser mit den landwirtschaftlichen Arbeitsmethoden die im diesem Gebiet angewendet werden, und deutet darauf hin dass sie die Ursache der Erschöpfung riesiger Arealen sind. Durch die Anwendung dieser primitiven Methoden werden jährlich neue Waldflächen niedergebrannt und dadurch entsteht eine dauernde Weiterwanderung in nördlicher Richtung wo noch die letzten grossen Waldbestände stehen. Dieser gleichzeitige Angriff aus verschiedenen Staaten in Richtung dieser letzten grossen Waldreserve verursachte einen Grenzstreit der sich um Gebiete dreht die früher kein Interesse darstellten. Dieser Streit der zwischen den Staaten von *Minas Gerais* und *Espírito Santo* bei der bestimmung der Grenzlinie sich aurollt, erreichte also seinen Höhepunkt in Folge der allgemeinen Anwendung von den primitivsten Ackerbaumethoden.

## RESUMO

La aŭtoro priskribas la pioniran zonon ĉe la nordo de la rivero Doce, en la Statoj Minas Gerais kaj Espírito Santo, analizante la kaŭzojn, kiuj kunefikis al ĝia apero.

Komence li priskribas la ĝeneralaĵajn trajtojn de la fizika pejzaĝo de la regiono kaj distingigas du malsamajn fizioĝrafiajn zonojn: unu kristaleca kaj malebena, oriente, kaj alia sedimenta kaj ebena, okcidente. Sekve de iliaj fizikaj karakterizaĵoj fundamente malsamaj la loĝatigo kaj la homa okupado en ĉiu el ili estis malsamaj.

Analizante la historian pasintecon de la regiono li taktas pri la ĉefaj movadoj celantaj ĝiajn ekspluatadon kaj okupadon, ekde la unuaj ekspedicioj serĉantaj multekostajn ŝtonojn kaj indiĝenajn sklavojn ĝis la nuna movado kolektiva kaj spontanea de delokiĝo de pionira fronto. La vera okupado komenciĝis per la eŭropa koloniigo, kiam venis grandaj kontingentoj da italoj, germanoj kaj poloj. Tiu loĝatigo de la regiono norde de la rivero Doce, komenciĝinta en 1916, fariĝis intensa nur ekde 1928, kiam finiĝis la konstruado de la ponto super la rivero en Colatina.

Analizante la nunan situacion de la pionira movado li rekonas kvar regionojn, kiujn li karakterizas. La du unuaj — la regiono de Mantena kaj tiu de Colatina — estis naskitaj respektive de la loĝatiga fluo, kiu foriris el Minas Gerais kaj el Espírito Santo serĉe de neokupitaj teroj. Ambaŭ estas regionoj kun granda produktado de kafo kaj kun intensa pionira aktiveco. La tria regiono, kiu enspacas la valon de la rivero São Mateus, estas areo malmulte disvolviĝinta pro la malfortaj grundoj, kiujn ĝi entenas. La kvara kaj lasta respondas al la kakaarba zono de la malalta rivero Doce, kiu lasttempe prezentadas grandan prosperecon.

Finante, la aŭtoro faras kelkajn konsiderojn pri la terkulturaj metodoj uzataj kaj montras, ke ili estas la kaŭzo de la elsuĝigo de la grundoj de grandegaj areoj. Pro tiaj neraciaj kulturmetodoj estas ĉiujare senarbitigitaj novajn areojn da arbaroj, kaj tial okazas delokiĝo pli kaj pli norden serĉe de ili. Tiu samtempa atako, deveninta de diversaj ŝtatoj, al tiu lasta granda rezervo naskis la politikan, disputon pri areoj, kiuj ĝis tiam ne vekis la plej malgrandan intereson. La tiel preparolata afero de la zono diskutata inter Minas Gerais kaj Espírito Santo venis do al grava punkto kaŭze de la ĝeneraligita ruiniga praktiko de plej primitivaj terkulturaj metodoj.